



# REVISTA GUERREIROS OUTDOOR

## CORONEL LEITE

**DA FORÇA AÉREA À PRIMEIRA  
SOBREVIVÊNCIA NA TV**

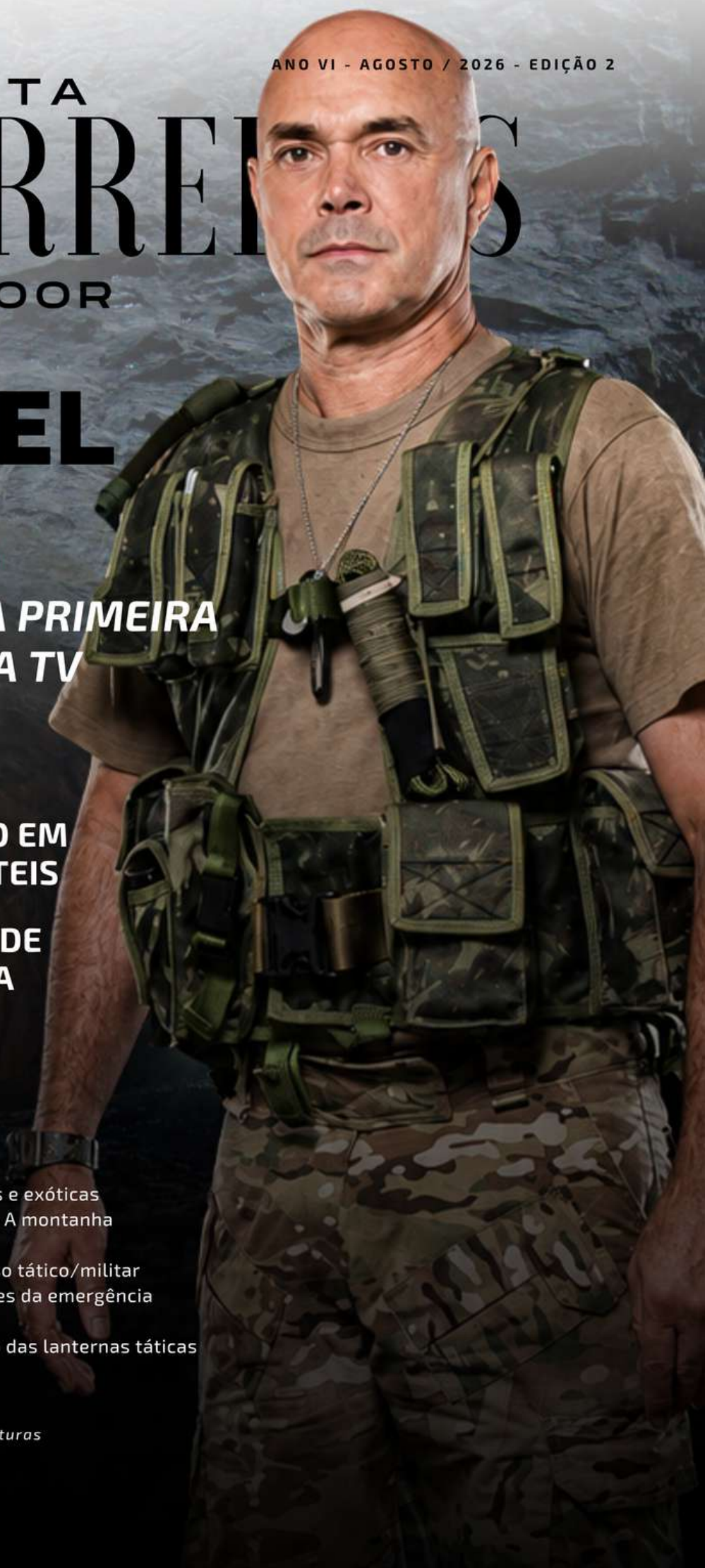
**E AINDA...**

- **RADIOAMADORISMO EM  
OPERAÇÕES PORTÁTEIS**
- **A FALSA SENSACÃO DE  
SEGURANÇA DA VIDA  
MODERNA**



- Camuflagem e bushcraft
- A diferença entre espécies nativas e exóticas
- Meu canto na montanha - Parte II: A montanha
- O limite da dor
- Camuflagem para além do universo tático/militar
- Segurança doméstica começa antes da emergência
- Guardiões da mata
- A revolução retangular: O impacto das lanternas táticas achatadas no uso civil e militar

*Revista Guerreiros Outdoor: Difundindo as culturas  
pelo olhar de quem as pratica.*



# SUMÁRIO

## ESTAÇÃO OUTDOOR

03 - RADIOAMADORISMO EM OPERAÇÕES PORTÁTEIS

## DIÁRIO BUSHCRAFT

06 - CAMUFLAGEM E BUSHCRAFT

## CONEXÃO MATO

08 - A DIFERENÇA ENTRE ESPÉCIES NATIVAS E EXÓTICAS

## EM VOLTA DA FOGUEIRA

10 - MEU CANTO NA MONTANHA: A MONTANHA (PARTE II)

## MUNDOS

14 - O LIMITE DA DOR

## CAFÉ COM CONVERSA

16 - ENTREVISTA COM CORONEL LEITE

## INFOALFA

22 - A FALSA SENSÇÃO DE SEGURANÇA DA VIDA MODERNA

## MANUAL DO SOBREVIVENTE

26 - CAMUFLAGEM PARA ALÉM DO UNIVERSO TÁTICO/MILITAR

## MUNDO PREPPER

28 - SEGURANÇA DOMÉSTICA COMEÇA ANTES DA EMERGÊNCIA

## CAUSOS DO MATO

31 - GUARDIÕES DAS MATAS

## POR DENTRO DO EDC

34 - A REVOLUÇÃO RETANGULAR: O IMPACTO DAS LANTERNAS TÁTICAS ACHATADAS NO USO CIVIL E MILITAR

## NOTA DA EDIÇÃO

### SUPER EL NIÑO - A NATUREZA NÃO NEGOCIA

Ao longo da história, o homem sempre tentou impor sua força sobre a natureza. Construiu cidades, dominou tecnologias e venceu desafios que pareciam impossíveis. Ainda assim, basta uma tempestade, uma seca ou uma enchente para lembrarmos que existe uma força muito maior do que nós. A natureza não disputa poder. Ela apenas segue seu curso.

Nos últimos meses, muito se falou sobre a possibilidade de um Super El Niño e seus impactos. Independentemente da intensidade com que esse fenômeno venha a se manifestar, a mensagem permanece a mesma: devemos estar preparados. Não apenas com equipamentos e mantimentos, mas também com equilíbrio emocional para enfrentar momentos de incerteza. Preparação material sem preparo psicológico é incompleta.

Nesta edição, além de temas ligados à natureza e à preparação, contamos com uma nova coluna sobre radioamadorismo e abordamos a importância das florestas. Quem pratica bushcraft sabe que respeitar os ciclos naturais, compreender o ambiente e desenvolver resiliência são habilidades mais valiosas do que qualquer equipamento.

E já fica o convite para nossa próxima aventura. O 11º ENGB (Encontro Nacional de Grupos de Bushcraft e Atividade Outdoor) acontecerá em um cenário diferente dos anos anteriores. Desta vez, estaremos no **Recreio dos Bandeirantes**, reunindo o espírito do bushcraft com a energia do litoral carioca. Será uma oportunidade para compartilhar conhecimento, fortalecer amizades e viver novas experiências.

No fim, a maior vitória do homem nunca foi vencer a natureza, mas aprender a caminhar em harmonia com ela.

## QUEM FAZ A GUERREIROS OUTDOOR?

|                               |                       |
|-------------------------------|-----------------------|
| DIRETOR GERAL                 | NEY FAGUNDES          |
| DIRETOR DE REDAÇÃO            | ANGELO DOS SANTOS     |
| DIRETOR EDITORIAL E MARKETING | DANIEL DELUCCA        |
| DESIGN                        | DANIEL DELUCCA        |
| COLUNISTAS                    | NEY FAGUNDES          |
|                               | ANGELO DOS SANTOS     |
|                               | DANIEL DELUCCA        |
|                               | GIULIANO TONIOLO      |
| REVISÃO                       | ANGELO DOS SANTOS     |
|                               | ANA MARTA TOLEDO PIZA |
| FOTOGRAFIA/CAPA               | CORONEL LEITE         |
| COLABORADORES                 | ELVIS NITA            |
|                               | TAÍS TEIXEIRA         |
|                               | TIAGO FLORESTA        |
|                               | CORONEL LEITE         |
|                               | LUIZ ERICSON          |

*Nota: algumas imagens desta edição foram produzidas por IA, adquiridas em bancos de imagens pagos e/ou cedidas por colaboradores.*

## Deseja falar com a Guerreiros Outdoor?

### Para anunciar

(21) 98120-2220

### Na internet

guerreirosoutdoor.com.br/contato

### Apoios e parcerias

(21) 99877-7997

### Edições anteriores

guerreirosoutdoor@gmail.com

O pedido será atendido pelo preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque.

### CNPJ

43.001.985/0001-82

## Apoios e Parcerias

### Grupo Guerreiros Bushcraft

guerreirosbushcraft.com.br

### Loja Javalis Outdoor

javalisoutdoor.com.br

## Editora

### Doisde Editora

doisde.com.br

## DISPONÍVEL EM PDF

Faça a leitura do QRCode com o seu smartphone para fazer o download da revista no formato PDF, ou visite o nosso site.



*A Revista Guerreiros Outdoor é uma produção coletiva, fruto da união pelos esforços para disseminação das culturas do Bushcraft, Atividades Mateiras, Sobrevivencialismo, Preparação e afins.*

## Onde a Guerreiros Outdoor está?

### SITE GUERREIROS OUTDOOR

guerreirosoutdoor.com.br

### INSTAGRAM

@guerreirosoutdoor

### FACEBOOK

@guerreirosoutdoor



# ESTAÇÃO OUTDOOR

## RADIOAMADORISMO EM OPERAÇÕES PORTÁTEIS

Por Elvis Nita



Elvis Nita é escoteiro, radioamador (PY10PA), baixista e integrante do grupo Guerreiros Bushcraft. Apaixonado por atividades ao ar livre, dedica-se ao bushcraft, à comunicação via rádio.

Estação Outdoor conecta o radioamadorismo às atividades ao ar livre, abordando comunicação via rádio, equipamentos, operações portáteis, técnicas e experiências em campo.

No universo do bushcraft, poucas habilidades combinam tão bem com a autossuficiência quanto o radioamadorismo em operações portáteis. Se o domínio de abrigo, fogo, orientação e gestão de recursos permite permanecer com segurança no ambiente natural, a comunicação por rádio acrescenta uma camada estratégica de planejamento, coordenação e apoio em campo.

Mais do que um hobby técnico, operar uma estação portátil é um exercício de eficiência. Exige leitura de terreno, compreensão das condições ambientais, escolha criteriosa de equipamentos, gestão de energia, montagem de antenas e disciplina operacional. Em essência, trata-se de aplicar conhecimento real em um cenário real.

### O QUE DEFINE UMA OPERAÇÃO PORTÁTIL

No radioamadorismo, uma operação portátil é a montagem e o uso de uma estação temporária fora da base fixa, geralmente em montanhas, florestas, costões, parques ou áreas isoladas. A proposta costuma ser a mesma: mobilidade, baixo peso, rápida instalação e independência energética.

Os objetivos podem variar. Em VHF e UHF, muitos operadores buscam contatos locais ou regionais, aproveitando altitude e linha de visada. Em HF, a meta costuma ser o alcance a longa distância, explorando a propagação ionosférica com equipamentos relativamente compactos. Em ambos os casos, o princípio é simples: obter desempenho confiável com recursos limitados.

No contexto do bushcraft, isso se encaixa perfeitamente em uma filosofia de campo baseada em preparo, simplicidade e adaptação.

SIGA ELVIS NITA NAS REDES

@ELVISOBREVIVE



## O AMBIENTE COMO PARTE DA ESTAÇÃO

Diferentemente de uma estação fixa, no campo o ambiente interfere diretamente no resultado da operação. Relevo, vegetação, umidade, vento, horário e posição da antena influenciam tanto quanto o rádio em si. Uma elevação modesta pode ampliar o alcance em VHF e UHF.



Em HF, a altura da antena, a qualidade da instalação e topografia local podem alterar significativamente o comportamento do sinal. Já a mata densa pode dificultar a montagem, aumentar a umidade sobre o equipamento e impor limitações logísticas.

Por isso, o operador portátil precisa aprender a ler o terreno como parte do sistema. Uma árvore pode servir como suporte para uma antena de fio; um ponto seco e elevado pode proteger a estação; uma área abrigada do vento pode melhorar a estabilidade operacional. No bushcraft, isso faz todo sentido: adaptar-se ao ambiente com inteligência é parte da habilidade.

## EQUIPAMENTO: MOBILIDADE COM PROPÓSITO

Em operações portáteis, cada grama transportada importa. O melhor conjunto não é necessariamente o menor ou o mais sofisticado, mas o mais coerente com a missão.

Para deslocamentos curtos, coordenação local e comunicação regional, rádios VHF/UHF portáteis ou móveis podem oferecer excelente resultado, sobretudo com antenas externas simples. Quando o objetivo é ampliar o alcance para além da linha de visada, o HF se destaca como solução muito eficiente.

Uma estação portátil equilibrada normalmente inclui:

- transceptor compatível com a proposta da operação;
- antena leve, eficiente e de montagem rápida;
- fonte de energia confiável e dimensionada para o tempo de uso;
- cabos e conectores compactos e robustos;
- proteção contra umidade, poeira e impacto;
- meio de registrar contatos e parâmetros operacionais.

Em ambiente remoto, simplicidade confiável vale mais do que complexidade frágil. O melhor equipamento é aquele que pode ser montado, operado e mantido com previsibilidade mesmo em condições adversas.

## A ANTENA COMO FATOR DECISIVO

Poucos elementos influenciam tanto uma operação portátil quanto a antena. Em muitos casos, uma antena bem escolhida e bem instalada traz mais resultado do que simplesmente aumentar a potência do transmissor.



Antenas de fio, verticais leves, dipolos desmontáveis e modelos end-fed são comuns nas operações portáteis. A escolha depende da faixa desejada, do espaço disponível, do tempo de montagem e do perfil da atividade.

No bushcraft, a instalação da antena muitas vezes exige criatividade técnica: lançar o cabo em um galho, ajustar a altura, tensionar corretamente o fio e adaptar o arranjo ao terreno. Isso revela um princípio importante: no campo, eficiência nasce mais da observação e do ajuste do que do excesso de equipamento.

## ENERGIA: AUTONOMIA PLANEJADA

A alimentação elétrica é o eixo silencioso da operação portátil. Sem energia, a estação deixa de existir. Por isso, a autonomia deve ser pensada como item estratégico.

Baterias de lítio, packs compactos e pequenos sistemas solares são soluções comuns. Mas a verdadeira diferença está no gerenciamento do consumo. Potência de transmissão, tempo em escuta, temperatura e eficiência do equipamento determinam a duração real da operação.



Autonomia, nesse contexto, não significa carregar mais energia, e sim usar melhor a energia disponível. Reduzir potência quando possível, organizar janelas de operação e evitar desperdícios amplia a capacidade de permanência sem aumentar desnecessariamente o peso da mochila.

### DISCIPLINA OPERACIONAL

Operar uma estação portátil exige método. É preciso montar com critério, testar o sistema, observar o clima, proteger cabos e conectores, controlar umidade e acompanhar o comportamento da bateria.

Também é essencial manter clareza nas comunicações, uso responsável da frequência e registro adequado dos contatos. Essa disciplina se aproxima muito da lógica do bushcraft: o sucesso raramente depende de improviso impulsivo; depende de preparo consciente.

### O VALOR HUMANO DA COMUNICAÇÃO EM ÁREAS REMOTAS

Há, porém, algo que vai além da técnica. Fazer um contato a partir de uma área isolada, cercado por mata, pedra, vento e silêncio, é uma experiência singular. O operador percebe que comunicação não depende apenas de infraestrutura moderna: pode nascer de conhecimento, prática e domínio das leis físicas que regem o sinal.

Montar a estação, erguer a antena, ajustar os parâmetros e finalmente ouvir uma resposta distante produz uma satisfação difícil de reproduzir em sistemas totalmente automatizados. Para quem pratica bushcraft, isso reforça uma ideia central: autossuficiência não é rejeitar a tecnologia, mas compreendê-la o bastante para usá-la com independência.

Além do aspecto operacional, a estação portátil ensina uma forma de pensar. O operador passa a avaliar consumo, tempo, clima, visada, rotas e alternativas de montagem como partes do mesmo problema. Isso desenvolve uma mentalidade muito próxima da vivência no mato: observar antes de agir, simplificar o sistema, reduzir falhas e trabalhar com margem de segurança.

Em expedições, a escolha do ponto de operação também faz diferença. Nem sempre o lugar mais bonito é o mais eficiente. Um topo exposto pode favorecer o alcance, mas exigir proteção extra contra vento e chuva. Uma área mais baixa pode oferecer abrigo, porém limitar a propagação. Encontrar equilíbrio entre desempenho, conforto e segurança é parte do ofício.

Outro ponto importante é o registro da atividade. Anotar horários, frequência utilizada, condição do tempo, consumo de bateria, tipo de antena e qualidade dos contatos permite comparar resultados e melhorar decisões futuras. Em operações portáteis, a experiência acumulada vale tanto quanto o equipamento. Quem registra com cuidado aprende mais rápido e monta melhor na próxima saída.

Há ainda o fator psicológico. Em ambiente remoto, a disciplina de comunicação transmite confiança. Saber que a estação foi montada com critério, que a energia foi poupada corretamente e que existe um plano de operação bem definido reduz improviso desnecessário. O rádio, nesse contexto, não é apenas um meio de contato; é um multiplicador de organização.

Para o bushcrafter, isso tem enorme valor. O mesmo raciocínio aplicado ao fogo, à água e ao abrigo aparece na operação de rádio: preparar antes, testar antes, prever antes. Não se trata de carregar mais itens, mas de integrar competências. Um sistema simples, bem entendido e bem operado quase sempre rende mais do que um conjunto sofisticado usado sem método.

Por isso, o radioamadorismo portátil vai além da técnica pura. Ele treina prudência, percepção e constância. Ensina que alcance não depende apenas de watts, mas de instalação, terreno, tempo, escuta e decisão. E mostra que, mesmo cercado por silêncio, o operador preparado nunca está realmente isolado.

# DIÁRIO BUSHCRAFT

## CAMUFLAGEM E BUSHCRAFT

Por Giuliano Toniolo



Escritor, professor e instrutor de sobrevivência e bushcraft, produz conteúdos para diversas plataformas, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação do bushcraft no Brasil, desde 2008, através de seu canal no YouTube e da Escola Mestre do Mato.

Diário Bushcraft traz a jornada, a cultura e os desafios das pessoas que praticam Bushcraft em sua essência, apresentando um pouco de suas experiências em meio ao mundo natural.

Quando se fala em camuflagem na natureza, a maioria das pessoas pensa imediatamente na roupa. Tons de verde, marrom, padrões militares ou tecidos específicos costumam dominar a discussão. Entretanto, depois de muitos anos caminhando por matas, cerrados e campos, observando cores e texturas de plantas e relevos, percebi que a verdadeira camuflagem pouco tem a ver com aquilo que vestimos.

Em última instância, camuflar significa não ser percebido. Estar inserido em um contexto natural, de forma que sua presença não crie uma ruptura nos padrões locais do ambiente. E tudo isso começa no comportamento. É curioso observar que muitos que ficam preocupados demais com a cor da mochila ou da camisa, caminham quebrando galhos sem necessidade, conversam em voz alta, ligam caixas de som, deixam lixo pelo caminho e transformam a tranquilidade da mata em uma extensão do que fazem na cidade.

De forma paradoxal, eles se vestem para parecer parte da natureza enquanto agem criando perturbações e rupturas em todos os outros padrões que não sejam os das cores do ambiente.

Na prática, a floresta pouco se importa com a cor da nossa roupa. Ela percebe nossa presença pelos sons que produzimos, pelos rastros que deixamos e pela forma como interagimos com aquele ambiente.

Quem já observou algum pequeno animal ou pequenos pássaros que estavam perfeitamente escondidos ao lado na trilha e se moverem rapidamente de forma ruidosa, imediatamente atraindo nossos olhos diretamente sobre eles? Apesar de estarem com as cores e padrões certos para o ambiente, eles foram percebidos por causa do deslocamento rápido e do barulho produzido ao realizá-lo. Isso acarretou uma "quebra" no padrão local, o que fez com que fossem notados.

SIGA GIULIANO TONIOLO NAS REDES

MESTREDOMATO.COM.BR

GIULIANO TONIOLO

@GIULIANOTONIOLO

@GIULIANO.TONIOLO.9



O mesmo acontece com a vegetação. Toda vez que abrimos um novo atalho sem necessidade, arrancamos plantas apenas por curiosidade ou deixamos marcas permanentes de nossa passagem, estamos dizendo à floresta que alguém esteve ali.

O bushcraft sempre me ensinou exatamente o contrário. Ensinou-me a caminhar devagar. A ouvir mais do que falar. A observar antes de agir. E isso vale tanto para quando eu quero contemplar a vida natural sem assustá-la, quanto para quando eu desejo esconder minha presença de outras pessoas.

Ele me ensinou a respeitar os animais, permitindo que continuem vivendo suas rotinas sem a interferência da minha presença.

Ensinou-me também que uma fogueira jamais deve ser encarada como um direito ou como uma simples alegoria de acampamento. Ela é uma ferramenta. E, como toda ferramenta, depende do momento, do local e das condições para ser utilizada com responsabilidade. Existem áreas onde ela simplesmente não deve existir.



Talvez a melhor definição de camuflagem seja justamente esta: passar pela natureza sem modificá-la além do estritamente necessário.

Lembro-me de uma frase muito sábia, dita por alguém certa vez, que resumiu essa ideia de uma forma que nunca mais esqueci:

***"Misture-se ao mato até que já não seja possível distinguir você do mundo natural."***

Naquele momento compreendi que não se tratava de roupas. A frase era sobre atitude e sobre humildade. Ela falava de respeito.

Porque ninguém se mistura verdadeiramente à natureza enquanto grita, deixa lixo, assusta animais, destrói a vegetação ou transforma um ambiente silencioso em palco de próprios excessos.

Portanto, a melhor camuflagem não consiste em esconder nosso corpo entre as árvores. Ela consiste em fazer com que nossa presença deixe de representar uma anomalia naquele ecossistema.



Quando conseguimos caminhar sem provocar danos, ou permanecer em silêncio para ouvir o vento, os pássaros e a água, ou até quando recolhemos o lixo que não produzimos e deixamos o lugar exatamente como o encontramos, ou até melhor, então, nós começamos a compreender o verdadeiro significado de pertencer àquele ambiente de uma forma um pouco mais profunda e verdadeira.

No fim, talvez essa seja uma das maiores lições que a natureza pode nos ensinar.

Não estamos ali para conquistar a floresta nem para sermos aceitos por ela. Nós estamos ali para nos misturarmos não só as suas cores e texturas, mas ao seu ritmo, ao seu volume, à sua simplicidade e, principalmente, ao seu equilíbrio.

# CONEXÃO MATO

## A DIFERENÇA ENTRE ESPÉCIES NATIVAS E EXÓTICAS

Por Tiago Floresta



*Dr. Tiago Schuch Lemos Venzke, Professor e Cientista Florestal. Dedicou-se a desenvolver um modelo de reflorestamento. Na Engenharia Florestal realiza estudos de ecologia e inventário florestal na conservação da natureza.*

Conexão Mato conta com colunistas convidados para falar um pouco sobre suas especialidades e atividades junto à natureza.

Primeiro uma breve frase, para agradecer o pessoal da revista pelo convite para escrever sobre as árvores e as florestas. Faremos uma série de artigos com o tema "Floresta". Admito que ainda não planejei os outros temas. Mas com certeza, alguns conhecimentos sobre as florestas e as árvores, esses seres magníficos. Para esse primeiro artigo, o tema será a diferença entre espécies nativas e exóticas e uma introdução sobre a importância das florestas.

Passar uma ideia para o pessoal da importância das florestas e desse tipo de vegetação numa paisagem sustentável. Em termos de vegetação nativa, primeiro entender a definição de floresta. Floresta é quando o terreno é coberto pela predominância de árvores, com copas formando um dossel quase contínuo. Interrompido pelas clareiras de quedas das árvores maiores, pelo corte de rios e mangues e alguns cumes de rochedos em zonas montanhosas.

No interior da selva preservada ocorrem várias camadas de plantas com uma biodiversidade de árvores, arbustos, trepadeiras, ervas, epífitas e etc. Nesses textos-reportagens para a revista, vou comentar muito sobre as árvores nas florestas, os maiores seres vivos dessa vegetação e principal objeto de pesquisa como cientista florestal.

Um conhecimento básico para o mateiro no meio da natureza é saber diferenciar as espécies nativas das exóticas, além das invasoras biológicas e das exóticas naturalizadas. Essa é uma classificação da biodiversidade que organiza as plantas de acordo com sua origem geográfica. Uma planta é considerada nativa quando a espécie ocorre naturalmente no ecossistema original daquele local. Alguns exemplos são palmito, figueiras, jatobá, ipês, corticeira, *Rhizophora mangle*, aroeiras, cedros, imbuia, araucária, entre outras. As plantas exóticas são aquelas que foram trazidas de outro ecossistema e introduzidas no ecossistema local. Alguns exemplos são eucalipto, pinus, ligustro, laranja, acácia, cinamomo, jambolão, álamo, plátano, uva-do-japão, entre outras.

SIGA TIAGO NAS REDES

@TIAGO\_FLORESTA



Uma categoria que gosto de usar são as exóticas naturalizadas, que são espécies exóticas que vivem em certa harmonia na vegetação nativa, sem causar degradação elevada do meio ambiente. Exemplos são para o sul a lebre, grande parte das espécies de eucaliptus, os Citrus bergamota e limão galego (casca bem amarelada e frouxa). Também algumas do meu próximo livro de alimentos da floresta como jambolão (*Syzygium cumini*), dente-de-leão (*Taraxacum officinale*) e que chamamos aqui de ameixa-amarela (*Eriobotrya japonica*) são plantas naturalizadas.

E, um perigo para a conservação da natureza, são as plantas exóticas que viram **Invasoras Biológicas**, as exóticas invasoras. Espécie invasora é a planta exótica que se espalha no ecossistema de maneira descontrolada e prejudica as espécies nativas, levando a destruição do ecossistema. Exemplos de árvores invasoras são praticamente todas as espécies de *Pinus Spp.*, uva-do-japão, cafezinho (*Pittosporum undulatum*), assim como as nossas nativas araquá (*Psidium cattleianum*) e aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolius*) que se tornaram invasoras biológicas em outros países.



Assim, projetos de controle das invasões de Pinus e invasoras estão sendo feitos para o controle da invasão, mas todos podemos ajudar no controle dos Pinus. A estratégia é cortar todos em uma paisagem de campo nativo. E ir plantando florestas ao redor das áreas invadidas. Para formar bolsões de pinheiros rodeados de florestas, sejam, nativas ou mistas com espécies de origem exótica. Os pinus não crescem bem e não germinam as sementes em áreas sombreadas.

Você acampista e bushcrafter, pode ajudar nessa guerra contra essas invasões biológicas, a segunda causa de perda local e extinções das espécies no mundo. Para combater isso, a recomendação é não plantar espécies exóticas invasoras. Nas atividades de acampamento e bushcraft, cortar e desdobrar as madeiras dessas espécies exóticas e alienígenas ao ecossistema natural.

Mas, entendendo que existe esse conhecimento de espécies nativas ou exóticas, vamos ao que interessa que é começar a falar da importância das florestas e das árvores.

As florestas sejam de proteção ou de produção combatem a erosão das terras e possuem múltiplos benefícios para os ecossistemas na paisagem. As florestas possuem múltiplas como proteger as terras, promover a recreação nos acampamentos e vivências diárias e muitos benefícios ecológicos e produtivos. Com relação aos efeitos ecológicos, destacam-se consequências sobre o microclima, qualidade do ar local, produção de folhas e frutos, na conservação da biodiversidade e na regulação das chuvas e dos rios e das barragens. De maneira geral, a vegetação natural ou mesmo plantada exótica tem papel importante no contexto da manutenção da qualidade e da quantidade de águas em bacias hidrográficas. As florestas são essenciais para a boa qualidade de águas de beber nas cidades e para o futuro do planeta.

# EM VOLTA DA FOGUEIRA

## MEU CANTO NA MONTANHA: A MONTANHA PARTE II

Por Giuliano Toniolo



Escritor, professor e instrutor de sobrevivência e bushcraft, produz conteúdos para diversas plataformas, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação do bushcraft no Brasil, desde 2008, através de seu canal no YouTube e Escola Mateira Mestre do Mato.

Em Volta da Fogueira traz contos que misturam vivências no mato, aventura e elementos do folclore brasileiro, recriando o clima das histórias contadas ao redor do fogo, onde realidade e imaginação se encontram.

Já passava das três da manhã quando Henrique, cansado e com frio, se aproximou do local escolhido. Ele iluminou o interior com o feixe da lanterna, que começava a dar sinais de que as pilhas logo chegariam ao fim.

O chão estava completamente molhado ao redor da cobertura de pedra. No interior, porém, bem junto à rocha, havia uma porção ampla o bastante para acomodá-lo, seca e protegida do vento e da umidade. Sobre o solo, uma camada de capim seco e amassado oferecia alguma proteção térmica contra o chão frio, além de suavizar a superfície, acrescentando ao abrigo uma camada valiosa de conforto físico.

Sobre o capim, havia um pedaço de papelão que um dia fora uma caixa, além de algumas folhas de jornal, tudo dobrado e guardado com cuidado por quem estivera ali antes. Henrique se alegrou ao ver aquilo. Sabia que ficaria aquecido assim que preparasse o local.

Via-se confortavelmente deitado sob a proteção da pedra, sobre o papelão estendido ao longo do abrigo. Estava enrolado em seu cobertor de lã, vestindo seu suéter de lã acrílica, além da camiseta seca extra que trazia consigo e as meias secas guardadas na mochila.

O poncho emborrachado fora preso pelos vários ilhoses, estendido e dobrado sobre a ponta da rocha até alcançar o chão, onde fora fixado com pedras. Assim, uma parede externa contra o vento, formando um microambiente quente o bastante para que Henrique pudesse, enfim, dormir e descansar.



SIGA GIULIANO TONIOLO NAS REDES

ESCOLAMESTREDOMATO.COM.BR

GIULIANO TONIOLO

@GIULIANOTONIOLO

@GIULIANO.TONIOLO.9



O rapaz acordou por volta das sete e meia da manhã, mas permaneceu deitado por alguns instantes, apreciando o silêncio e a sensação agradável de aquecimento que havia conseguido proporcionar a si mesmo. Ele tinha usado partes das folhas de jornal para enrolá-las entre o jeans ainda úmido e as pernas, o que ajudara a aquecer e secar as calças durante a madrugada.

Após alguns minutos, e depois de reunir coragem para sair daquele pequeno casulo de conforto, o rapaz levantou-se e começou a trabalhar. Precisava acender uma fogueira e preparar um café quente, acompanhado de um desjejum simples.

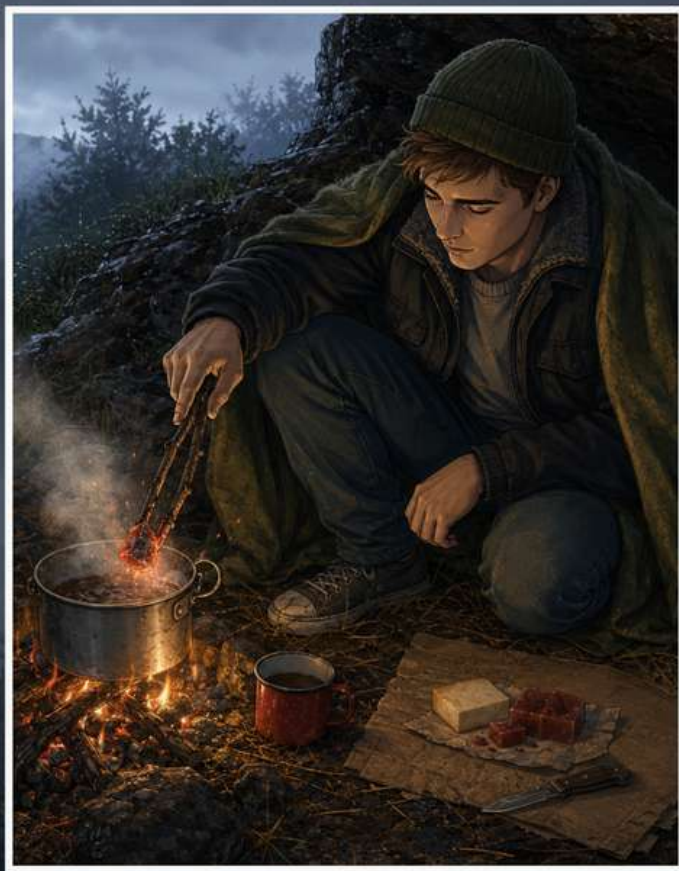
Vestindo todas as roupas e ainda enrolado no cobertor, Henrique saboreava um café mateiro, decantado na brasa da fogueira recém-acendida, cujo calor inundava seu corpo com conforto e relaxamento. Apesar do frio e da umidade, o céu já dava sinais de que iria se abrir e ele tinha certeza de que o sol não demoraria a dissipar a neblina acumulada durante a madrugada.



Após recolher o poncho que servira como parede do abrigo, o rapaz assentou-se de frente para a fogueira, apreciando o calor enquanto usava seu canivete para cortar um pedaço de queijo com goiabada. Então, deu uma mordida generosa na combinação doce e salgada e, enquanto mastigava, começou a encher a pequena panela com água do cantil.

Engoliu o último bocado e tomou uma grande golada de água, que limpou o paladar e desceu até o estômago. Alguns minutos depois, com a água já fervendo, retirou uma pequena lata de alumínio destorcendo a tampa, de onde tirou duas colheradas generosas de pó de café. O pó foi lançado diretamente na panela, escurecendo a água quase de imediato.

Com o auxílio de alguns gravetos, Henrique retirou cuidadosamente uma brasa viva da fogueira e a colocou dentro da panela. O contato produziu um assobio característico enquanto a água borbulhava ao redor do carvão incandescente. A reação fazia o pó do café decantar rapidamente no fundo, deixando apenas a bebida quente na superfície.



O vento frio soprou em seu rosto, trazendo o cheiro do café recém-preparado, misturado ao aroma das plantas úmidas e da vegetação ao redor. Agachado diante da fogueira, Henrique transferiu com cuidado o café simples e sem açúcar para sua caneca vermelha esmaltada.

Terminou de comer a goiabada com queijo enquanto bebia o café quente. Depois de mais um pedaço de queijo, ele estava agora em pé, com a jaqueta desbotada abotoada até o pescoço. Segurava a caneca com uma mão, enquanto a outra buscava abrigo no bolso da calça jeans. No gorro de lã verde-oliva, gotículas de umidade trazidas pelo vento se acumulavam, criando um aspecto quase gelado ao redor da cabeça coberta.

Sorvia pequenas goladas da bebida quente, sentindo o calor se espalhar pelo corpo, enquanto observava a paisagem úmida e enevoada se estender à sua frente. Por trás da massa de neblina, a montanha se revelava apenas em partes, como se o chamasse, aguardando sua subida naquele sábado que mal começara.

Após recolher seus pertences, Henrique dobrou novamente o papelão e as folhas de jornal que não havia usado, guardando-os sob a proteção do abrigo natural, exatamente onde os encontrara. Guardou, também, o excesso de roupas na mochila e certificou-se de apagar bem a fogueira, usando a água do local.

Hidratou-se bastante antes de encher novamente o cantil de alumínio. Ele sabia que não haveria água em abundância lá em cima. Apenas algumas goteiras em uma pequena caverna e isso teria de bastar.

O dia que se seguiu foi agradável. O sol apareceu ainda pela manhã, dissipando a neblina e inundando tudo com seu brilho e calor confortáveis. Henrique seguiu pelo último trecho da trilha, que levava diretamente ao topo da montanha, por onde se acessava a grande pedra-mãe.

Logo no início, avistou um pequeno aglomerado de árvores finas e retas. Com habilidade e segurança, cortou uma haste não muito grossa usando a faca artesanal feita de aço de disco de arado. Em poucos minutos, produziu um bastão de caminhada da altura dos ombros, útil nos trechos mais difíceis, onde um terceiro ponto de apoio fazia diferença.

Já no topo, Henrique estava deitado na grama, sobre a jaqueta, relaxando sob o sol. Mastigava uma haste de capim e apertava um dos olhos enquanto tentava "ler" as horas pela posição do sol. Calculou que já passava das quatro da tarde. Ainda havia muito a fazer se quisesse garantir uma noite confortável e protegida do vento e do frio que logo chegariam.

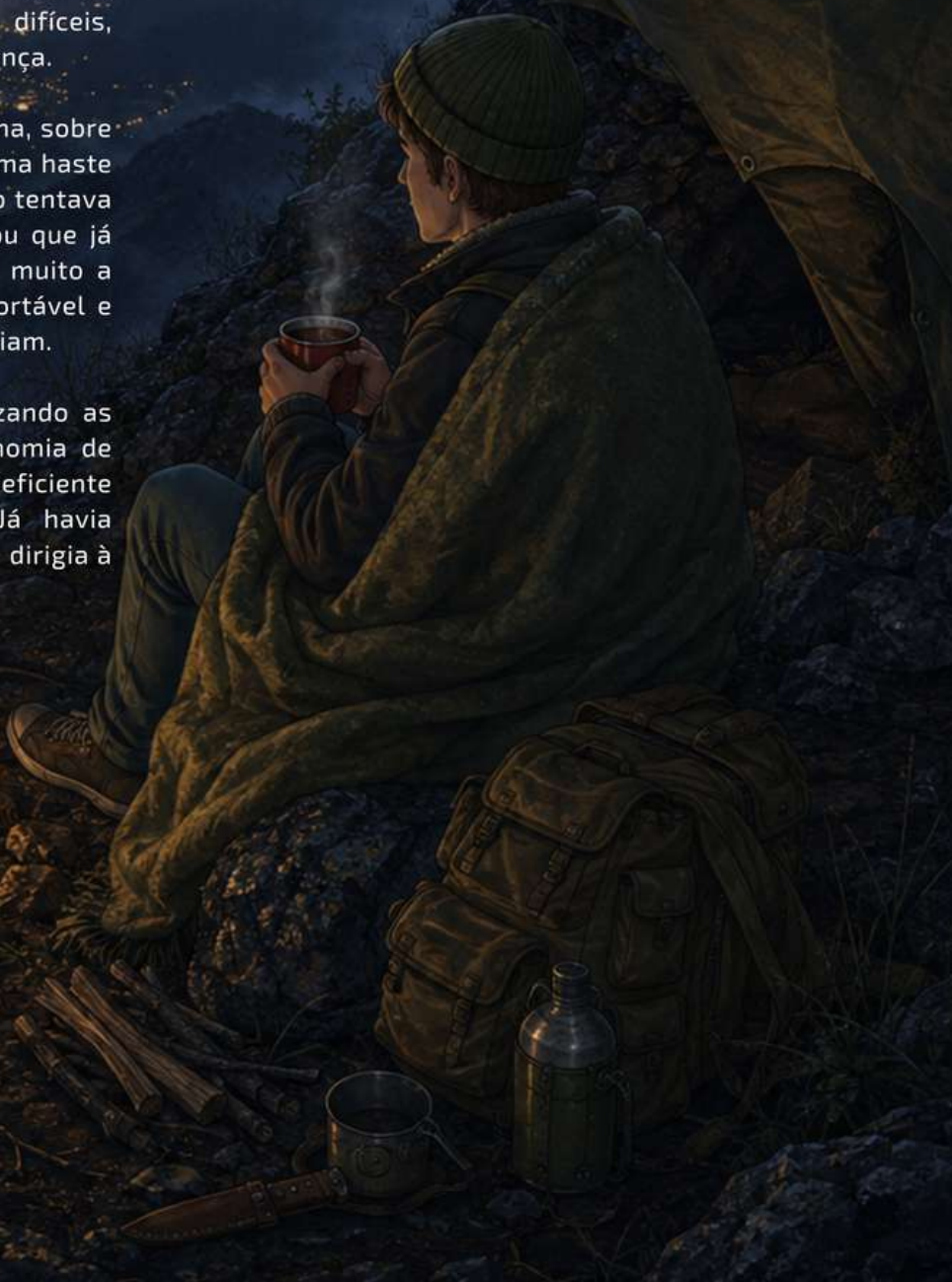
Levantou-se e pôs-se a trabalhar, organizando as ações por ordem de prioridade. Com economia de tempo e calorias, construiu um abrigo eficiente usando pedras do local e o poncho. Já havia identificado lenha seca por perto e agora se dirigia à pequena gruta, onde poderia recolher água.

Ele se dirigiu para a pequena gruta onde a água minava das paredes e do teto e posicionou seu cantil de forma a coletar as gotas que pingavam. Em seguida, Henrique juntou bastante lenha sob uma pequena lapa de pedra, a poucos metros do abrigo. Naquele momento, o sol já se punha no horizonte, e o vento frio começava a soprar, anunciando a noite gelada que se aproximava.

Ele voltou para buscar o cantil, agora cheio e depois, acendeu a fogueira. Com fome, o rapaz preparou um pequeno ensopado: cenoura, duas batatas, um pouco de macarrão parafuso e um pedaço de bacon, trazidos em um saco de papel.

Agora, de barriga cheia, assentado sobre uma pedra e enrolado no cobertor, Henrique tomava uma caneca quente e fumegante de café enquanto observava, lá embaixo, as luzes da cidade de Ouro Preto acesas, piscando para a noite fria e escura que já envolvia todo o cenário ao seu redor.

***Fim da segunda parte.***



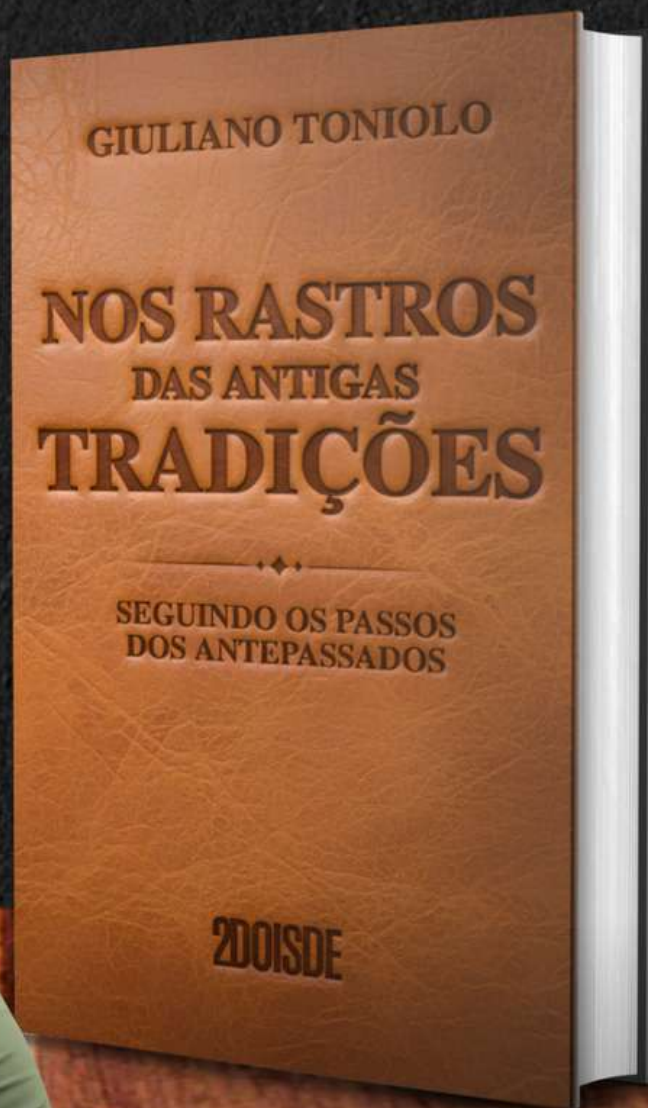
# O livro que resgata o olhar ancestral do **Bushcraft no Brasil**

UMA JORNADA PELAS PRÁTICAS, VALORES E ENSINAMENTOS  
QUE MOLDARAM O **ESPÍRITO MATEIRO**.

Este livro é um mergulho nas  
**antigas tradições**, combinando  
reflexões, técnicas e vivências reais  
**registradas em campo**.



ADQUIRA AQUI O SEU LIVRO



Escrito por  
**Giuliano Toniolo**, referência nacional  
no estudo e prática do **bushcraft**.

## GIULIANO TONIOLO

UMA DAS VOZES MAIS RESPEITADAS DO  
**BUSHCRAFT BRASILEIRO**

**2DOISDE**

# MUNDOS

PARA CADA AVENTURA, MUNDOS **DIFERENTES**

## O LIMITE DA DOR

Por Taís Teixeira



Taís Teixeira é sobrevivencialista e um dos nomes mais conhecidos da sobrevivência brasileira na TV. Participou de *Largados e Pelados* na Colômbia e na África, além de *Sobrevivência Extrema*, enfrentando diferentes biomas e grandes desafios.

Mundos traz convidados para falarem um pouco de suas habilidades e experiências em suas atividades outdoor.

A dor chega sem avisar. Ela simplesmente aparece. Às vezes machuca o corpo. Outras vezes, a alma. E foi vivendo os desafios do *Largados e Pelados* que eu entendi que essas duas dores quase sempre caminham juntas.

Na Colômbia, a dor era física. Meu corpo ficou coberto de picadas de insetos. Dia e noite era coceira, ardência e um incômodo que parecia não ter fim. Mesmo assim, segui até o último dia.

Na África, a dor veio de dentro. Desenvolvi uma úlcera gástrica, e cada movimento parecia uma facada. Sem remédios, sem conforto e no meio da savana, percebi que nosso corpo realmente tem limites. Vomitar sangue me fez enxergar que a saúde é a nossa maior riqueza. Naquele momento, a maior coragem não foi continuar. Foi aceitar a retirada médica e entender que, às vezes, parar também é um ato de coragem.

Achei que já conhecia os meus limites depois dessas experiências. Mas a vida me mostrou que eles podem ser testados de muitas formas. Durante um intenso treinamento militar de sobrevivência na Amazônia, enfrentei novamente pouco sono, pouca comida, muito esforço físico e uma pressão mental constante. A dor mudou de cenário, mas continuou sendo uma grande professora.

Foi vivendo tudo isso que percebi outra coisa: quando estamos em casa, quase nunca valorizamos o que temos. Um banho quente. Uma toalha seca. Uma cama confortável. Abrir a geladeira e encontrar comida. Vestir uma roupa limpa. No treinamento, muitas vezes eu dormia com a roupa encharcada, sentindo frio e convivendo com a umidade. Foi aí que entendi que a gente só conhece de verdade o conforto quando experimenta o desconforto.

Foto/Imagem: Reprodução *Largados e Pelados* Brasil, Discovery

SIGA TAÍS NAS REDES  
@TAISTEIXEIRA\_



Também descobri que existe uma dor que quase ninguém vê: a emocional. A solidão, o medo, a fome, o cansaço e a dúvida. Mostrar vulnerabilidade não nos faz mais fracos. Pelo contrário. É preciso coragem para admitir que está doendo e, mesmo assim, continuar.

Vivemos em uma sociedade que valoriza muito o resultado e pouco a caminhada. Todo mundo admira quem sobe ao pódio, ergue um troféu ou cruza a linha de chegada, mas quase ninguém enxerga tudo o que aconteceu antes daquele momento.

Pensa em alguém que decide correr uma maratona. Durante meses, essa pessoa treina, sente dores, muda hábitos, abre mão de muita coisa e talvez nem consiga o tempo que sonhava. Isso significa que ela fracassou? Eu não acredito. O maior prêmio talvez nem seja a medalha, mas a pessoa em quem ela se transformou durante o caminho.

Seria muita hipocrisia da minha parte dizer que conquistar uma medalha, levantar um troféu ou alcançar um objetivo não é bom. Claro que é. Todo mundo gosta de vencer. Eu também gosto. Mas hoje eu enxergo as coisas de um jeito diferente. Antes eu achava que a vitória estava só no resultado. Hoje eu vejo que ela começa muito antes, em cada treino, em cada dificuldade, em cada momento em que a gente pensa em desistir e escolhe continuar. A medalha representa um momento. A caminhada representa a pessoa que a gente se tornou para chegar até ela. E, sinceramente, essa transformação ninguém tira da gente. Tem uma outra coisa que me fez entender por que continuo buscando esses desafios.

No ano passado eu perdi o meu pai. E essa, sem dúvida, foi a maior dor da minha vida. A gente tinha uma ligação muito forte. Eu tinha certeza de que não ia conseguir suportar. Mas, quando tudo aconteceu, eu fui uma das pessoas que mais conseguiu manter a calma dentro da minha família. E, muitas vezes, eu me peguei pensando: será que eu teria conseguido passar por tudo isso se não tivesse vivido tantos desafios antes? Eu nunca vou saber essa resposta. Mas eu sinto que cada experiência de sobrevivência foi fortalecendo um pedacinho de mim.

Cada noite mal dormida, cada momento de fome, de frio, de medo e de dúvida me ensinou que, por pior que pareça uma situação, ela passa. Que a gente aguenta muito mais do que imagina. E acho que é por isso que eu gosto tanto de fazer esse tipo de desafio. Não é porque eu gosto de sofrer. Muito pelo contrário. É porque toda vez que eu volto, eu volto um pouco mais forte.

Aprendo com a natureza. Aprendo com os meus erros. Aprendo com os meus limites. E levo tudo isso para a minha vida. Porque a verdade é que a sobrevivência não serve só para quando a gente está no meio da mata.

Ela serve para a vida. Serve quando um relacionamento acaba. Quando a gente perde alguém que ama. Quando perde um emprego. Quando a vida coloca a gente de joelhos. A natureza me ensinou a fazer fogo, encontrar água e construir um abrigo. Mas, acima de tudo, ela me ensinou a respirar, manter a calma e seguir em frente quando tudo dentro da gente diz para desistir. Hoje eu acredito que esse é o maior aprendizado de todos. A sobrevivência não mudou apenas a forma como eu enfrento e aprendo com a natureza. Ela mudou a forma como eu encaro a vida.

Foi naquele momento que percebi que a maior prova de sobrevivência nem sempre acontece na mata. Às vezes, ela acontece dentro da nossa própria casa, quando a vida coloca diante da gente uma dor que nunca imaginou enfrentar. É por isso que continuo buscando esses desafios. Não porque eu gosto de sofrer. Mas porque toda vez que eu volto, eu volto um pouco mais forte. Aprendo com a natureza, com os meus erros e com os meus limites e levo tudo isso para a minha vida.



Foto/Imagem: Reprodução Largados e Pelados Brasil, Discovery

A natureza me ensinou a fazer fogo, encontrar água e construir um abrigo. Mas, acima de tudo, me ensinou a respirar, manter a calma e seguir em frente quando tudo dentro de mim dizia para desistir. Hoje, acredito que esse é o maior aprendizado de todos. A sobrevivência não mudou apenas a forma como eu enfrento a natureza. Ela mudou a forma como eu enfrento a vida.

E, no fim das contas, aprendi uma coisa que vou levar para sempre: a dor nem sempre é uma vilã. Muitas vezes, é ela que nos prepara, nos transforma e nos mostra uma força que nem sabíamos que existia dentro da gente.

# CAFÉ<sup>COM</sup> CONVERSA

## ENTREVISTA COM CORONEL LEITE DA FORÇA AÉREA À PRIMEIRA SOBREVIVÊNCIA NA TV

Por Angelo dos Santos



Angelo dos Santos é advogado, praticante de atividades mateiras, um dos administradores do Grupo Guerreiros e ativista nato em prol do fomento da cultura de grupos de Bushcraft pelo Brasil.

Café com Conversa é um bate papo descontraído, algumas vezes provocativo, guiado pela curiosidade e pautado na troca de muita ideia munida de café.

Muito antes de se tornar um dos principais rostos da sobrevivência na televisão brasileira, o Coronel Leite já acumulava décadas de experiência em operações reais de busca e salvamento. Oficial da Força Aérea Brasileira, sua carreira foi construída dentro de uma das áreas mais especializadas da instituição: o PARASAR, unidade responsável por operações de resgate em ambientes extremos.

Ao longo de sua trajetória, participou de cursos e treinamentos em praticamente todos os biomas brasileiros, especializando-se em sobrevivência, paraquedismo militar, montanhismo, mergulho e operações SAR (Search and Rescue). Mais tarde, essa experiência chamou a atenção do Discovery Channel, levando seu conhecimento para milhões de espectadores.

**"EU NÃO ENTREI NA SOBREVIVÊNCIA POR HOBBY. ELA FAZIA PARTE DA MINHA PROFISSÃO."**

**Angelo** – Coronel, hoje muita gente conhece o senhor pelos programas de televisão, pelos cursos e pelas palestras. Mas gostaria de começar voltando um pouco no tempo. Como nasceu essa trajetória dentro da Força Aérea Brasileira?

**Coronel Leite** – Muita gente pergunta se "Coronel" é um apelido por causa da televisão, mas não é. Eu realmente sou Coronel da Força Aérea Brasileira.

Minha história começou muito cedo. Com dezesseis anos entrei na Escola Preparatória de Cadetes do Ar, em Barbacena. Depois fui para a Academia da Força Aérea. Inicialmente fui para a aviação, mas, no segundo ano, mudei de especialidade e me formei oficial de Infantaria da Aeronáutica.

SIGA ANGELO DOS SANTOS NAS REDES

CAFÉ COM MATO   
@CAFECOMMATO   
@CAFECOMMATO 



SIGA CORONEL LEITE NAS REDES

@CORONELLEITE   
CORONEL LEITE 



Foto/Imagem: Foto fornecida por Coronel Leite

Foi nessa época que comecei a conhecer a atividade de busca e salvamento.

A Força Aérea possui uma unidade especializada chamada PARASAR. Para fazer parte dela era preciso passar por uma seleção bastante exigente. O primeiro requisito era ser paraquedista militar. Depois vinham diversos cursos específicos voltados para resgate e sobrevivência.



Foto/Imagem: Foto fornecida por Coronel Leite

Naquele momento eu não via isso como esporte, aventura ou lazer. Era simplesmente a minha profissão. Era aquilo que eu precisava aprender para cumprir a missão.

**Angelo** – E essa preparação envolvia muito mais do que apenas aprender técnicas de sobrevivência, não é?

**Coronel Leite** – Exatamente.

A missão do homem de resgate é conseguir atuar em qualquer lugar onde uma aeronave possa cair ou onde exista alguém precisando de socorro. Isso significa que precisávamos conhecer praticamente todos os ambientes do Brasil.

Se um avião caísse no mar, precisávamos estar preparados para mergulhar. Então fiz curso de mergulho. Se caísse em região montanhosa, era preciso dominar técnicas de montanhismo. Se fosse necessário infiltrar equipes por via aérea, era indispensável o paraquedismo militar. Tudo fazia parte da mesma formação.

Não era uma coleção de cursos. Era um conjunto de capacidades necessárias para cumprir uma única missão: localizar pessoas e retirá-las com segurança.

## DO PARASAR AO DISCOVERY CHANNEL

**Angelo** – Muita gente conhece o nome PARASAR, mas poucas pessoas sabem exatamente qual era a função da unidade.

**Coronel Leite** – Nossa missão sempre foi busca e salvamento. Nós éramos preparados para localizar sobreviventes em qualquer ambiente e realizar o resgate. Isso exigia uma formação bastante ampla. Não bastava saber caminhar na mata.

**Angelo** – Coronel, toda essa formação construída dentro da Força Aérea acabou levando o senhor para um caminho completamente diferente: a televisão. Como aconteceu essa transição?

**Coronel Leite** – Depois de toda essa formação militar, eu comecei a perceber uma coisa curiosa. Tudo aquilo que fazia como parte do meu trabalho também existia no mundo civil, mas era tratado como esporte de aventura.



Foto/Imagem: Foto fornecida por Coronel Leite

Eu brincava comigo mesmo: "Caramba, os caras pagam para fazer aquilo que eu faço trabalhando". O paraquedismo, o mergulho, o montanhismo... para mim tudo aquilo era preparo para uma missão de busca e salvamento. A partir daí comecei a praticar essas atividades também no meio civil, participei de travessias, expedições e outras atividades.

Foi quando fui servir em Manaus, na equipe de resgate. Lá tive a oportunidade de atuar na Comunicação Social da Força Aérea, atendendo Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima. Concedi entrevistas e isso acabou me dando uma facilidade maior para falar diante das câmeras.

Em determinado momento ministrei um treinamento de sobrevivência para integrantes do Greenpeace, por intermédio de uma empresa. Algum tempo depois eles receberam um e-mail do Discovery Channel perguntando se conheciam alguém com experiência em sobrevivência de origem militar. Eles indicaram meu nome.

Na época nem imaginei do que se tratava. Depois recebi um convite para participar de uma seleção e achei que faria alguma prova prática de sobrevivência. Cheguei até a pensar: "Quem vai me avaliar em sobrevivência?".

Quando cheguei lá, descobri que não existia prova prática nenhuma. Não houve teste de fogo, abrigo, navegação ou sobrevivência. A avaliação foi simplesmente sentar diante da câmera e conversar. Naquele momento entendi que eles não estavam avaliando meu conhecimento técnico, mas sim se eu conseguiria transmitir esse conhecimento para quem estivesse assistindo. Foi, de certa forma, uma sobrevivência diferente: sobreviver na frente das lentes.

### "FOI ASSIM QUE NASCEU O CORONEL LEITE DO DISCOVERY"

**Angelo** – E o nome "Coronel Leite"? Ele já surgiu naquele momento?

**Coronel Leite** – Surgiu exatamente ali. Na época eu estava bastante chateado porque inicialmente a Força Aérea não havia autorizado minha participação no programa. Depois a situação foi resolvida, mas quando o Discovery perguntou como eu gostaria de ser apresentado na televisão, respondi quase por impulso: "Pode colocar Coronel Leite". Foi uma reação daquele momento. E acabou ficando. Foi assim que nasceu o Coronel Leite do Discovery Channel.



Foto/Imagem: Foto fornecida por Coronel Leite

O Desafio em Dose Dupla foi o primeiro programa de sobrevivência do Discovery protagonizado por latino-americanos. Muita gente pensa que era apenas um programa brasileiro, mas não.

Nós fomos os primeiros protagonistas latinos dentro daquele formato criado pelo canal. Antes disso, o Discovery já tinha levado ao ar programas como os de Bear Grylls e outros formatos norte-americanos, mas nenhum conduzido por apresentadores da América Latina.

### DUAS TEMPORADAS E UM NOVO PÚBLICO

**Angelo** – Depois vieram duas temporadas do Desafio em Dose Dupla e, mais tarde, o Desafio Celebidades. Como o senhor enxerga esse período?

**Coronel Leite** – Foram duas temporadas do Desafio em Dose Dupla, e depois uma temporada do Desafio Celebidades.

Esse segundo programa acabou seguindo um pouco o formato americano, colocando pessoas conhecidas do grande público para viver situações de sobrevivência.



Foto/Imagem: Foto fornecida por Coronel Leite

O interessante é que o programa foi pensado para um público adulto. Só que aconteceu uma coisa que ninguém esperava: ele conquistou um público infantil enorme. Crianças de seis, sete anos passaram a acompanhar o programa e gostavam muito daquilo.

O canal percebeu esse movimento e decidiu aproveitar essa identificação. Foi então que participei de dois episódios de um programa infantil chamado Zoo da Zu, onde passei a ser apresentado como "Coronel da Mata". A proposta era levar o conceito de aventura para as crianças. Foi uma experiência completamente diferente da sobrevivência na televisão para adultos.

### OS BASTIDORES DO DISCOVERY: SOBREVIVER DIANTE DAS CÂMERAS

**Angelo** – Outra curiosidade é que, na televisão, além de executar a técnica, vocês precisavam explicar o que estava acontecendo e iam fazer. Isso também exigiu adaptação?

**Coronel Leite** – Exigiu bastante. Quando você trabalha como instrutor ou como homem de resgate, normalmente executa a ação primeiro e depois explica. Na televisão era diferente. Muitas vezes eu precisava dizer o que iria fazer antes de fazer, explicar durante a execução e continuar falando depois. Não podia existir aquele silêncio prolongado de quem está apenas concentrado na tarefa.

O Discovery preparava muito bem cada episódio. Antes das gravações recebíamos material sobre o bioma onde trabalharíamos, informações geográficas, aspectos do terreno e diversos estudos sobre aquele ambiente. Também recebíamos o relato de um acidente real que havia acontecido naquele local. Nossa missão era continuar aquela situação imaginando como dois especialistas agiriam se estivessem exatamente nas mesmas condições das pessoas que realmente passaram por aquilo.



Foto/Imagem: Foto fornecida por Coronel Leite

Se o sobrevivente original tinha apenas um canivete, era com aquele tipo de recurso que trabalharíamos. A proposta era mostrar quais possibilidades existiam com os recursos que aquelas pessoas realmente tinham disponível.

### "AQUILO QUE O PÚBLICO VIA ERA REAL"

**Angelo** – Muita gente imagina que programas desse tipo tenham roteiro ou combinações entre os apresentadores. Como funcionava isso?

**Coronel Leite** – Não havia combinação nenhuma. Eu morava em Manaus e o Léo morava em Chapada dos Guimarães. Cada um saía da sua cidade, encontrávamos a equipe em São Paulo e seguíamos viagem. A partir dali havia uma preocupação muito grande para que nós não ficassemos juntos antes das gravações. A intenção era evitar qualquer conversa que pudesse gerar combinações sobre o que aconteceria durante o episódio.



Foto/Imagem: Foto fornecida por Coronel Leite

O Discovery explorava exatamente essa diferença de visão entre dois profissionais colocados diante do mesmo problema. O conhecimento técnico, a adaptação ao ambiente e até a convivência entre nós aconteciam de forma espontânea. O que o público assistia era resultado da situação vivida naquele momento. Não existia roteiro dizendo como deveríamos agir ou o que deveríamos falar. Aquilo era realmente a nossa reação diante das circunstâncias que encontrávamos.

### O PROPÓSITO DE SALVAR VIDAS

**Angelo** – Coronel, o senhor participou de grandes operações, como o acidente do voo da Gol, Brumadinho e diversos outros atendimentos ao longo da carreira. Mas existe algum resgate que tenha mudado a sua forma de enxergar essa missão?

**Coronel Leite** – Eu participei de grandes operações, como o acidente da Gol, Brumadinho, a enchente no Rio Grande do Sul e muitos outros resgates menores. Mas, olhando para toda a minha trajetória, dois momentos marcaram profundamente a minha vida.

O primeiro foi logo no início da carreira. Alunos participavam de um treinamento de sobrevivência de cinco dias e acabaram se perdendo. O treinamento deixou de ser um exercício e se transformou em uma situação real de sobrevivência. Fizemos quase quatro dias de buscas até que conseguimos localizá-los. Eu tive a oportunidade de chegar de helicóptero exatamente onde eles estavam, no meio da selva, e retirá-los dali. Quando encontrei um deles, ele me segurou pela gola, me sacudiu e disse: "Deus existe e Ele mandou você vir me buscar."

Foi naquele momento que comecei a compreender verdadeiramente o compromisso emocional que essa profissão exige.

**Angelo** – E o acidente do voo da Gol? Imagino que tenha sido outro divisor de águas.

**Coronel Leite** – Sem dúvida. O acidente do voo 1907 me trouxe uma visão completamente diferente do resgate. Até então, eu sempre associava missão cumprida a encontrar pessoas vivas e conseguir entregá-las aos serviços de saúde.



Foto/Imagem: Sebastião Moreira - Estação

Foi durante a operação do voo da Gol que compreendi outra dimensão dessa missão. Percebi que devolver um corpo para a família também é uma forma de cumprir o propósito do resgate. Cada vez que uma vítima era localizada, havia um sentimento de alívio para os familiares, porque eles podiam finalmente encerrar aquele ciclo de incerteza e dar um destino digno ao ente querido.

Essa experiência mudou completamente minha forma de enxergar o trabalho. Não se tratava apenas de salvar vidas, mas também de oferecer uma resposta às famílias, mesmo nos momentos mais difíceis.

### "NOSSA VIDA PARA A VOSSA VIDA"

**Angelo** – Depois de tantos anos dedicados ao resgate, que mensagem o senhor gostaria de deixar para os leitores da Revista Guerreiros Outdoor?

**Coronel Leite** – Primeiro, gostaria de agradecer pelo espaço e pela oportunidade de mostrar um pouco desse trabalho. Muitas pessoas não conhecem a estrutura de busca e salvamento que existe no Brasil, nem imaginam quantos profissionais permanecem de prontidão vinte e quatro horas por dia para atender uma emergência.

Esses homens treinam constantemente. O acidente não escolhe dia, horário ou lugar para acontecer. Por isso, precisam estar preparados para decolar em poucos minutos e atuar em qualquer ambiente. É um trabalho voluntário dentro da própria missão. Ninguém recebe algo a mais por estar na equipe de resgate. O que existe é compromisso e propósito.

Sempre digo que o lema do homem de resgate resume tudo aquilo que vivemos durante a carreira: "Nossa vida para a vossa vida." É isso que representa o espírito dessa atividade.

Se, de alguma forma, essa trajetória ajudou a despertar o interesse de novas pessoas por esse universo e a formar novos profissionais e praticantes conscientes, então sinto que a missão foi cumprida!



Use o Cupom  
**JAVALIS10**  
Para ter 10% de desconto na loja

E VOCÊ PODE **GARANTIR**

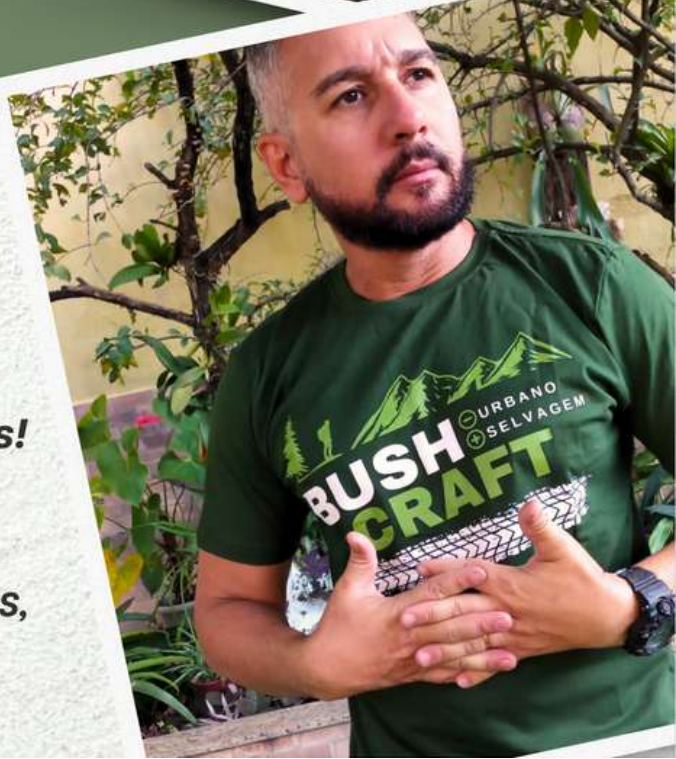
até **20%** OFF

**NAS COMPRAS NA LOJA EM  
PAGAMENTOS VIA PIX**



Acesse agora  
[javalisoutdoor.com.br](http://javalisoutdoor.com.br)  
e confira nossas promoções!

**PROMOÇÃO VÁLIDA PARA OS PRODUTOS JAVALIS,  
CAMISETAS, BONÉS, REVISTA E PATCHES.**



# INFOALFA

INFORMAÇÕES E CURIOSIDADES

## A FALSA SENSACÃO DE SEGURANÇA DA VIDA MODERNA

Por Daniel DeLucca



Daniel DeLucca é escritor, produtor de conteúdo e colunista da Revista Guerreiros Outdoor. Coadministra o Guerreiros Bushcraft, atua na Escola Mestre do Mato e criou o Infoalfa SA, portal sobre crises, segurança, autonomia, tecnologia e vida real.

Infoalfa tem como intenção trazer informações e curiosidades dos mais diferentes assuntos, abordados de um jeito prático e de fácil entendimento.

Existe uma confiança silenciosa na vida moderna que quase ninguém percebe, justamente porque ela não aparece como uma decisão consciente, nem como uma frase dita em voz alta. Ela simplesmente está ali, disfarçada na rotina, misturada as pequenas ações do dia a dia. A luz acende quando apertamos o interruptor, a internet funciona quando desbloqueamos o celular, a comida chega depois de alguns toques na tela, o cartão passa, o aplicativo abre, o sinal aparece, a água sai da torneira, o lixo é recolhido, o combustível está no posto e o mercado está abastecido. Tudo parece tão normal, tão automático e tão garantido, que passamos a confundir normalidade com permanência.

Esse talvez seja um dos maiores problemas do nosso tempo. A estrutura que sustenta a vida cotidiana ficou tão eficiente, tão discreta e tão conveniente, que criou uma sensação artificial de estabilidade. Como se a energia elétrica fosse uma lei da natureza, a internet um direito biológico, o delivery uma extensão da cozinha e o cartão de crédito uma espécie de varinha mágica financeira. A pessoa não precisa mais carregar dinheiro, não precisa saber cozinhar com o que tem, não precisa conhecer o caminho, não precisa ter reserva, não precisa pensar em alternativas, porque afinal, tudo sempre funcionou. E se sempre funcionou até hoje, é claro que vai funcionar amanhã. Uma lógica brilhante, desde que o mundo tenha a delicadeza de avisar antes de falhar.

SIGA DANIEL DELUCCA NAS REDES

INFOALFASA.COM.BR

@INFOALFASA

@EUDANIELDELUCCA

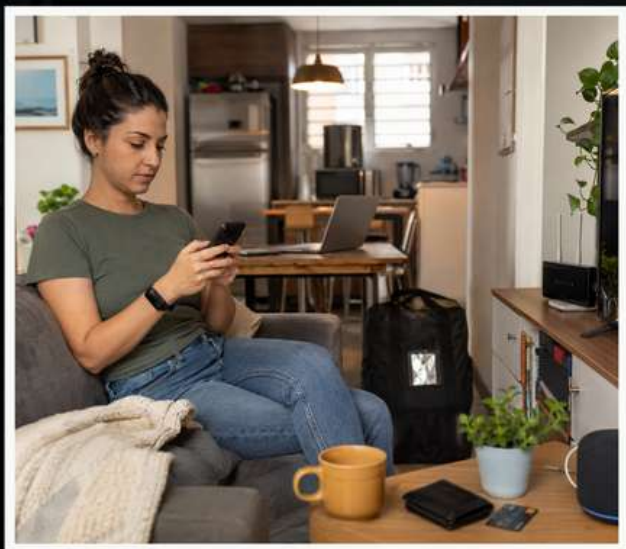
@EUDANIELDELUCCA



O problema é que a normalidade não avisa quando vai ser interrompida. Uma chuva forte, uma queda de energia, uma pane em sistemas, uma greve, uma falha bancária, uma enchente, um bloqueio de vias ou simplesmente um serviço público sobrecarregado já são suficientes para mostrar o quanto nossa autonomia ficou frágil. Não estou falando de cenário cinematográfico, cidade abandonada ou fantasia de internet, estou falando de situações comuns, possíveis e, em muitos casos, recorrentes. A diferença é que, quando estamos confortáveis demais, chamamos risco de exagero e preparo de paranoia.

### A BOLHA DA ESTABILIDADE PERMANENTE

A vida moderna nos entregou conforto, praticidade e velocidade, e seria até infantil negar os avanços que facilitaram nossa rotina. O problema não está em usar tecnologia, comprar pela internet, pagar com cartão, pedir comida por aplicativo ou aproveitar os serviços disponíveis. O problema começa quando conforto vira dependência absoluta, quando a pessoa deixa de usar a estrutura moderna como apoio e passa a viver como se fosse incapaz de funcionar sem ela.



Existe uma diferença enorme entre usar tecnologia e ser completamente dependente dela. Hoje, muita gente não sabe o telefone de ninguém de cabeça, não consegue chegar a lugares sem GPS, não tem uma lanterna em casa, não guarda água, não mantém comida simples para alguns dias, não sabe resolver uma emergência doméstica básica e, para completar o pacote dessa modernidade indefesa, também não tem dinheiro físico para uma necessidade imediata. Não conversa com vizinhos, não conhece os riscos do próprio bairro e, ainda assim, se sente segura porque mora perto de farmácia, mercado, hospital, banco e restaurante, como se proximidade fosse acesso garantido.

Basta a energia cair por algumas horas para a casa mudar de comportamento. O roteador desliga, o celular começa a virar um objeto em contagem regressiva, a geladeira se torna uma preocupação, o elevador para, a bomba de água deixa de funcionar, o portão eletrônico vira obstáculo, o comércio limita atendimento, o pagamento digital falha e, em pouco tempo, aquele cidadão extremamente moderno descobre que sua vida inteligente dependia basicamente de uma tomada funcionando.

A falsa sensação de segurança nasce justamente aí, não no conforto em si, mas na crença de que os sistemas externos estarão sempre disponíveis, estáveis e organizados. Delegamos tanta coisa para estruturas invisíveis que perdemos a noção do básico. E quando o básico falha, mesmo por pouco tempo, a pessoa percebe que sua independência era mais decorativa do que real.



O curioso é que muita gente ainda trata essa discussão como exagero. Falar em ter água armazenada, uma lanterna carregada, comida estocada, dinheiro físico, contatos anotados e um plano familiar mínimo parece, para alguns, coisa de gente alarmista. Já depender de aplicativo, cartão, tomada, sinal de internet, entrega rápida, sistema bancário e serviço público funcionando perfeitamente todos os dias, isso sim é visto como normalidade absoluta. A confiança cega virou sinal de equilíbrio, enquanto o preparo básico passou a ser tratado como esquisitice. É quase uma inversão completa da lógica e do bom senso.

### O PREPARO COMO RETORNO AO BOM SENSO

Preparação não é desejar crise, e isso precisa ser repetido porque sempre aparece alguém confundindo responsabilidade com pessimismo. Ter uma lanterna não significa torcer por apagão, guardar água não significa esperar o fim do mundo, manter uma reserva de alimentos não significa viver com medo, assim como saber agir em uma emergência não transforma ninguém em paranoico. Significa apenas entender que a vida real não é obrigada a seguir o roteiro confortável da nossa rotina.

Imagine uma família em uma noite de chuva forte. A energia cai, a internet desaparece, o mercado mais próximo fecha, o celular está com pouca bateria, a criança está com medo, a geladeira está cheia e a rua começa a alagar. Não existe nada de apocalíptico nessa cena, é apenas Brasil, em uma terça-feira qualquer, com o clima fazendo o que sempre fez e a infraestrutura mostrando aquela eficiência poética de sempre que conhecemos bem. Ainda assim, para uma família sem preparo algum, esse cenário simples já pode virar um pequeno caos doméstico.

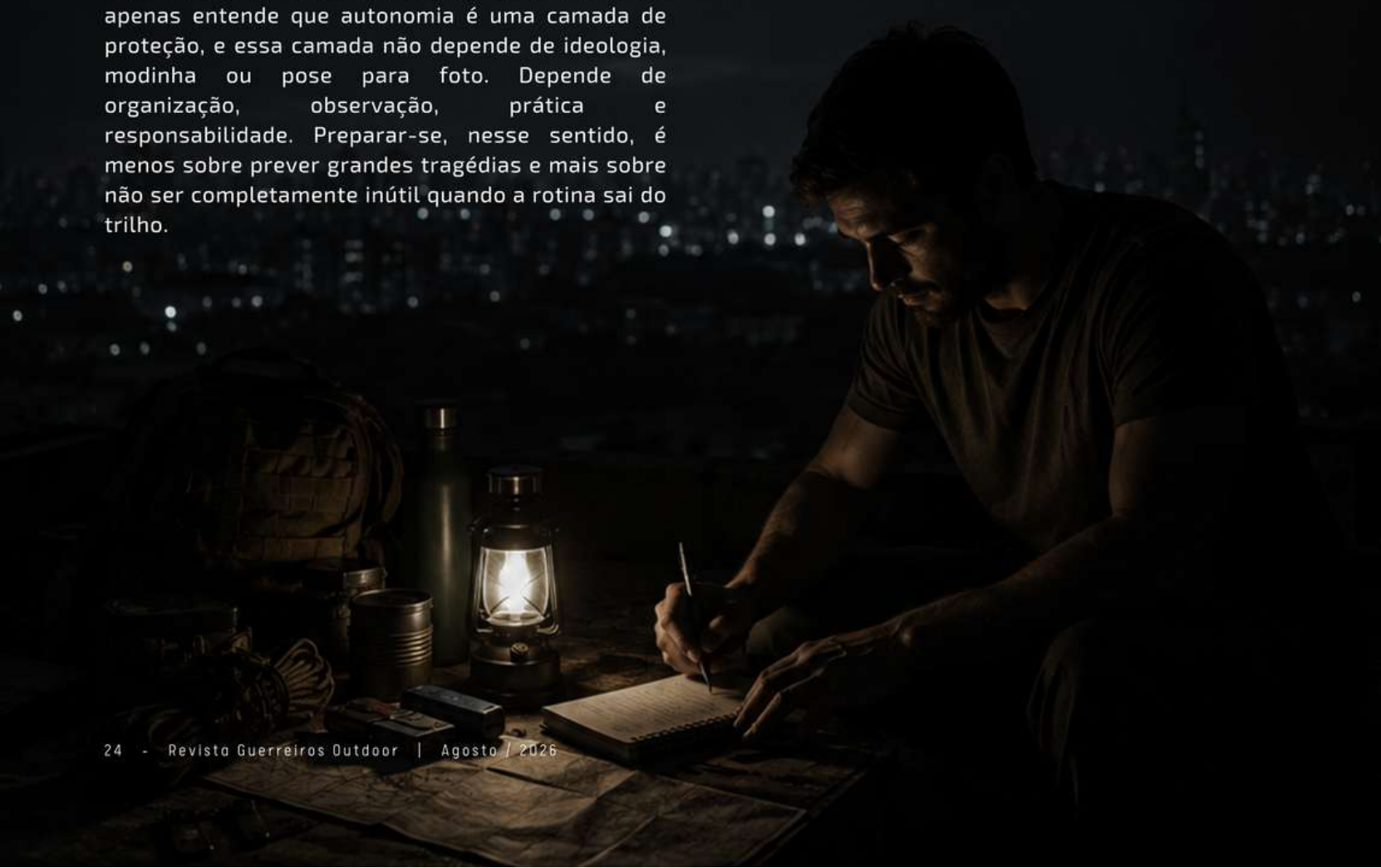
Nesse tipo de situação, a diferença entre preparo e improviso aparece nos detalhes. Uma lanterna carregada muda o ambiente, água armazenada reduz ansiedade, um fogareiro simples permite aquecer uma comida, um power bank mantém a comunicação básica, um rádio pode trazer informação quando a internet não colabora, um pouco de dinheiro físico resolve pequenas compras e uma lista impressa de contatos evita que a família dependa exclusivamente de um celular prestes a morrer. Um plano familiar, mesmo simples, evita gritaria, confusão e aquela reunião de emergência em que ninguém sabe exatamente o que fazer, mas todos falam ao mesmo tempo com uma confiança impressionante.

O sobrevivencialista não vive fora da sociedade, não rejeita tecnologia, não despreza serviços públicos e não transforma cada instabilidade em profecia. Ele apenas entende que autonomia é uma camada de proteção, e essa camada não depende de ideologia, modinha ou pose para foto. Depende de organização, observação, prática e responsabilidade. Preparar-se, nesse sentido, é menos sobre prever grandes tragédias e mais sobre não ser completamente inútil quando a rotina sai do trilho.

A vida moderna é confortável, mas também é cheia de pontos frágeis. Quanto mais conectada, terceirizada e automatizada se torna a nossa rotina, mais impacto sentimos quando alguma peça sai do lugar. O problema não é usar delivery, cartão, internet ou energia elétrica, o problema é não saber o que fazer quando eles não estão disponíveis. O problema não é viver no mundo moderno, é acreditar que o mundo moderno assumiu o compromisso de nunca falhar.

No fim das contas, a falsa sensação de segurança da vida moderna não está nos sistemas que usamos, mas na crença ingênua de que eles sempre estarão ali, funcionando, organizados e prontos para nos atender. E talvez o primeiro passo do preparo seja justamente recuperar a humildade diante da realidade. A normalidade é boa, facilita a vida e ninguém precisa fingir que sente saudade de tempos mais difíceis, mas ela não é eterna, não é garantida e não deve ser confundida com segurança absoluta.

Quem entende isso não vive com medo. Vive com os pés um pouco mais firmes no chão, com menos ilusão de controle e com mais capacidade de resposta quando a vida moderna, tão prática e eficiente, resolve tirar um dia de folga.



### comprometida com **O Bushcraft.**

A empresa **EDITORIA 01 GRÁFICA E EDITORA** atua há mais de **23 anos** com um parque gráfico moderno e completo, operado por profissionais qualificados e especializados, no segmento de embalagens cartonadas e impressos comerciais e promocionais.

#### Qualidade de impressão em seus materiais

Aqui na Editora 01 você conta com a melhor qualidade de impressão para seu cartão de visita, folder, adesivo, imãs de geladeira, entre vários outros produtos. Aproveite o melhor custo-benefício em materiais gráficos!

Localizada no bairro de Taguatinga norte Brasília, nossa gráfica atende a pequenas, médias e grandes empresas de todo o Brasil, que se beneficiam da eficiência no atendimento e da qualidade dos impressos e embalagens confeccionados dentro de nossas instalações. Trabalhamos com a impressão offset, que permite o atendimento em larga escala de demandas diversas, como pequenas e grandes tiragens em diferentes formatos de impressão.

**Terá ao seu dispor um time de Designers Profissionais especializados em design gráfico e altamente qualificados.**

A excelência no atendimento, a garantia da qualidade e a busca do melhor custo benefício para nossos clientes são os pilares construídos ao longo dos anos que formam a base do relacionamento entre a Editora 01 e sua clientela e que permitem a criação de parcerias duradouras de sucesso.



Contamos com uma ampla linha de Papéis Especiais além de profissionais altamente capacitados para atender as necessidades de sua empresa. Fazemos todo trabalho de criação e desenvolvimento de layouts.

O nosso compromisso é com a inovação, qualidade e sintonia com o cliente, zelando sempre pela satisfação total nos serviços por nós prestados.

É com esse objetivo que convidamos você a conhecer um pouco mais sobre nosso trabalho.

### IMPRESSÃO EM OFF-SET FORMATO 2 | FORMATO 4

- CARTÃO DE VISITA
- PASTAS
- ENVELOPES
- BLOCOS DE RECIBO
- BLOCOS DE PEDIDO
- CARDÁPIOS
- CARTAZES
- TIMBRADOS
- PRODUÇÃO DE PET
- CONVITES
- BANNERS
- RECEITUÁRIOS
- COPOS PERSONALIZADOS
- PANFLETOS
- ADESIVOS
- IMÃS DE GELADEIRA
- E MUITO MAIS....
- REVISTAS
- EMBALAGENS

#### EMBALAGENS



**Linha completa de embalagens para sua Lanchonete e Restaurante**



**Livros | Revistas**



**Copos Personalizados**



**Tabloides**



**Produção de Paçth**

# MANUAL DO SOBREVIVENTE

## CAMUFLAGEM PARA ALÉM DO UNIVERSO TÁTICO/MILITAR

Por Giuliano Toniolo



Escritor, professor e instrutor de sobrevivência e bushcraft, produz conteúdos para diversas plataformas, sendo um dos principais responsáveis pela divulgação do bushcraft no Brasil, desde 2008, através de seu canal no YouTube e da Escola Mestre do Mato.

**Manual do Sobrevivente** traz dicas importantes para aqueles que estudam a arte da sobrevivência, valorizando a importância do conhecimento frente às adversidades que estão por vir, sempre com o olhar voltado à prática e à realidade.

Quem vem do bushcraft ou do meio militar costuma associar camuflagem a padrões coloridos impressos em roupas e tralhas diversas. Afinal, durante décadas aprendemos a escolher modelos, cores e equipamentos capazes de nos fundir melhor à vegetação. Mas será que o mesmo raciocínio vale para o ambiente urbano?

É comum vermos pessoas acreditando que uma calça tática, uma mochila com sistema MOLLE ou uma camiseta verde-oliva são escolhas discretas. Curiosamente, em boa parte das cidades brasileiras ocorre justamente o contrário. Esses elementos acabam formando um conjunto visual facilmente associado ao meio militar, policial ou sobrevivencialista. E assim, em vez de passar despercebido, o indivíduo acaba se tornando memorável.

Neste caso, o conceito de Gray Man se aplica e vai muito além da roupa. Sua essência está em tornar-se apenas mais uma pessoa dentro do ambiente em que se encontra.

Observe, por exemplo, uma estação de metrô em Londres durante o inverno. Casacos pretos, cinza-escuros e azul-marinho dominam a paisagem. Ali, vestir-se inteiramente de preto é quase uma forma de desaparecer na multidão. E mesmo a capital paulista, por exemplo, no inverno, comportaria bem um visual mais "londrino" de alguém vestindo roupas e casacos escuros. Isso é parte do cotidiano urbano de ambas as cidades.

Em muitas outras cidades brasileiras, entretanto, o mesmo conjunto pode acabar chamando mais atenção justamente por fugir do padrão local. Imaginem pessoas que se vestissem assim no centro de cidades como o Rio ou Recife. Elas estariam muito fora do contexto daqueles locais e certamente chamariam muita atenção e despertariam muitos olhares de curiosidade.

SIGA GIULIANO TONIOLO NAS REDES

MESTREDOMATO.COM.BR

GIULIANO TONIOLO

@GIULIANOTONIOLO

@GIULIANO.TONIOLO.9



Isso demonstra que não existe uma roupa universal para o Gray Man. Existe apenas a roupa adequada ao contexto.

A mesma lógica vale para mochilas e demais equipamentos. Muitas vezes, uma mochila escolar de boa qualidade desperta menos atenção do que um modelo repleto de fitas, bolsos externos e acessórios táticos. Não porque seja melhor, mas porque faz parte da paisagem cotidiana.



Entretanto, existe um erro ainda maior do que escolher a roupa errada: acreditar que a camuflagem depende apenas da aparência.

Na natureza, um praticante experiente de bushcraft sabe que não basta vestir um padrão camuflado. Se o indivíduo ou grupo caminhar pelo alto de uma crista, fizer movimentos bruscos ou produzir ruídos desnecessários, eles serão percebidos rapidamente. Em contrapartida, alguém usando roupas comuns e de cores como azul marinho, cinza ou algum tom pastel e que saiba aproveitar sombras, relevo e vegetação enquanto se movimenta lentamente, frequentemente obtém melhores resultados e sucesso em não se fazer notar no ambiente.

Na cidade ocorre exatamente o mesmo. A verdadeira camuflagem urbana não está na camiseta cinza nem na mochila discreta. Ela está no comportamento.

Pessoas costumam perceber muito mais facilmente aquilo que foge da normalidade do que aquilo que simplesmente faz parte dela. Um indivíduo excessivamente atento ao ambiente, olhando constantemente para trás, observando todas as saídas ou demonstrando tensão chama muito mais atenção do que alguém caminhando naturalmente, como qualquer outra pessoa. E isso porque nosso cérebro funciona como um detector de anomalias. Ele não memoriza todos os rostos que encontra durante o dia. Memoriza aquilo que rompe o padrão. Talvez seja justamente essa a maior lição que o bushcraft possa oferecer ao conceito de Gray Man.

Da mesma forma, na floresta, o objetivo nunca foi parecer uma árvore. O objetivo sempre foi deixar de parecer uma anomalia dentro daquele ambiente. Eu poderia citar aqui, por exemplo, postos de observação usados durante a primeira guerra mundial, que eram perfeitamente preparados para se parecerem com grandes árvores, dentro das quais observadores poderiam fazer leituras de territórios ao redor. Contudo, na maioria das vezes, esses postos de observação eram destruídos, porque eram mal posicionados no ambiente, criando uma anomalia no horizonte que chamava a atenção, ao invés de ser percebida como um elemento natural daquele local.



Na cidade, o princípio permanece exatamente o mesmo. O Gray Man não busca tornar-se invisível. Busca simplesmente não oferecer motivo para ser notado e lembrado.

No fim das contas, a melhor camuflagem, seja entre árvores ou entre prédios, não consiste em esconder quem somos, mas em compreender como o ambiente percebe aquilo que somos. A roupa pode contribuir. Os equipamentos também. Mas é o comportamento que completa a camuflagem.

Afinal, tanto na mata quanto na cidade, a sobrevivência bem preparada e fundamentada começa quando aprendemos a ler o ambiente antes mesmo de tentarmos interagir com ele.

# MUNDO PREPPER

## SEGURANÇA DOMÉSTICA COMEÇA ANTES DA EMERGÊNCIA

Por Daniel DeLucca



Daniel DeLucca é escritor, produtor de conteúdo e colunista da Revista Guerreiros Outdoor. Coadministra o Guerreiros Bushcraft, atua na Escola Mestre do Mato e criou o Infoalfa SA, portal sobre crises, segurança, autonomia, tecnologia e vida real.

Mundo Prepper conta com colunistas convidados para falar um pouco de suas especialidades e suas atividades no mundo da preparação e do sobrevivencialismo.

Segurança doméstica não começa quando alguém tenta arrombar uma porta, quando falta luz na rua ou quando uma situação estranha aparece no portão. Começa muito antes, nos detalhes que a maioria ignora justamente porque parecem simples demais para merecer atenção. E talvez esteja aí um dos maiores erros de quem pensa em preparo apenas como reação, como se segurança fosse algo que só entra em cena quando o problema já está na calçada, no muro ou dentro de casa. Aí, meu amigo, o planejamento vira improviso, e improviso quando a água já está batendo na bunda costuma cobrar caro.

Quando falamos em segurança dentro do mundo prepper, não estamos falando de transformar a casa em bunker, viver desconfiado de todo mundo ou adotar aquele comportamento cinematográfico de quem acha que mora dentro de uma série ruim de sobrevivência urbana. Segurança doméstica, no mundo real, é muito mais simples, mais discreta e mais eficiente do que isso. Ela está na iluminação bem pensada, na rotina organizada, nas portas funcionando corretamente, na observação do entorno, na relação mínima com a vizinhança e na capacidade de perceber pequenas mudanças antes que elas se transformem em problema.

A vida moderna criou uma dependência curiosa, porque muita gente passou a acreditar que câmeras, alarmes, aplicativos, portaria, rondas e serviços públicos resolvem tudo. Esses recursos ajudam, claro, e seria burrice ignorar ferramentas úteis só para parecer rústico, mas o problema começa quando elas substituem completamente a atenção. Uma câmera não impede necessariamente uma situação ruim, ela registra. Um alarme pode assustar, mas também pode tocar enquanto ninguém faz nada. Uma fechadura cara em uma porta fraca é só um detalhe bonito em um conjunto mal pensado. Segurança não é o equipamento isolado, é o sistema.

SIGA DANIEL DELUCCA NAS REDES

INFOALFASA.COM.BR

@INFOALFASA

@EUDANIELDELUCCA

@EUDANIELDELUCCA



## A CASA PRECISA PARECER CUIDADA, NÃO ABANDONADA

Um dos primeiros pontos de segurança doméstica é a leitura visual da própria casa. Uma residência mal iluminada, com portão frouxo, mato alto, acúmulo de objetos, caixas largadas, lâmpadas queimadas e sinais evidentes de descuido transmite uma mensagem, e em segurança, mensagem importa. Não se trata de ostentar proteção, colocar a casa com cara de fortaleza ou transformar a fachada em um aviso de "estou preparado", mas de mostrar presença, organização e rotina.



Iluminação externa é um exemplo simples e muitas vezes negligenciado. Uma entrada escura favorece aproximações indesejadas, dificulta a identificação de pessoas e aumenta a vulnerabilidade de quem chega ou sai de casa, principalmente à noite, em dias de chuva ou em horários de pouco movimento. Luz em pontos estratégicos, sensores de presença bem posicionados e lâmpadas funcionando fazem diferença, não para iluminar a rua como estádio de futebol, até porque vizinho nenhum merece esse castigo, mas para reduzir áreas cegas e permitir uma leitura rápida do ambiente.

Portas e janelas também precisam ser tratadas como parte da rotina de preparo. Muita gente investe em equipamento caro, fala de kit, mochila, ferramenta, câmera e sistema inteligente, mas mantém portas empenadas, trincos ruins, fechaduras antigas, janelas sem manutenção e portões que não fecham direito. A segurança começa no básico bem feito, e isso inclui verificar dobradiças, travas, chaves, cadeados, pontos de acesso e possíveis vulnerabilidades antes que uma situação crítica exponha tudo de uma vez. Depender apenas da sorte pode até funcionar por um tempo, mas sorte não deveria ser plano de segurança de ninguém.

A organização interna também conta, porque em uma emergência, seja uma tentativa de invasão, uma queda de energia, um princípio de incêndio, uma enchente se aproximando ou qualquer situação que exija ação rápida, a casa precisa funcionar. Lanternas devem estar acessíveis, chaves precisam ter lugar definido, documentos importantes não podem estar espalhados como se fossem peças de um quebra-cabeça emocional, e ferramentas básicas devem ser encontradas sem uma expedição arqueológica pela área de serviço. Segurança doméstica também é saber onde estão as coisas quando o tempo é curto e a cabeça já está ocupada tentando entender o que está acontecendo.

## ATENÇÃO AO ENTORNO E PERFIL BAIXO

A segurança de uma casa não termina no portão. O entorno fala, a rua fala, a vizinhança fala, o movimento fora do padrão fala, mas o problema é que muita gente anda tão presa ao celular que só perceberia algo estranho se recebesse uma notificação dizendo: "parabéns, você ignorou o óbvio". Observar o entorno não é viver assustado, nem sair olhando para todo mundo como se estivesse em missão secreta. É apenas prestar atenção, coisa básica, antiga e cada vez mais rara.



Saber quem circula normalmente na rua, quais horários são mais vazios, onde há pontos escuros, quem são os vizinhos mais próximos e como a região se comporta em dias normais ajuda a identificar mudanças. Uma rua calma demais em horário incomum, um veículo parado por muito tempo, pessoas observando casas, portões abertos sem motivo, quedas recorrentes de energia ou movimentações estranhas não significam necessariamente perigo, mas merecem atenção. A prevenção começa quando algo ainda é apenas um sinal fraco, não quando a situação já virou emergência e todo mundo decidiu, tarde demais, que talvez fosse bom prestar atenção.

A relação com a vizinhança também é parte do preparo. Não estou falando de virar melhor amigo de todo mundo, participar de todos os grupos, descobrir a vida inteira do bairro e entrar em discussões eternas sobre cachorro, vaga e barulho, porque isso, inclusive, pode ser um castigo social. Mas conhecer minimamente quem mora perto, ter canais simples de comunicação e manter uma convivência respeitosa pode fazer diferença. Em muitas situações, o primeiro apoio real não virá de longe, não virá de um aplicativo e talvez nem chegue no tempo que você gostaria. Virá de quem está ao lado.

Outro ponto importante é o perfil baixo. Segurança doméstica não combina com ostentação desnecessária, e isso vale tanto para a vida presencial quanto para a vida digital. Expor rotina, viagem, compras, equipamentos, horários, detalhes da casa e ausência da família nas redes sociais é entregar informação de graça, e informação, em mãos erradas, vira oportunidade. O preparador entende que nem tudo precisa ser publicado, mostrado ou comentado. Às vezes, a melhor medida de segurança é simplesmente não transformar a própria vida em vitrine.

Rotina também precisa de atenção. Horários previsíveis demais, portões sempre abertos, entregas sem controle, crianças atendendo desconhecidos, chave escondida em lugar óbvio, prestadores entrando sem verificação e familiares sem orientação básica criam brechas que poderiam ser evitadas com hábitos simples. Não é necessário viver em estado de alerta permanente, porque ninguém aguenta isso sem enlouquecer ou virar aquele sujeito insuportável que transforma qualquer barulho em teoria. O que se precisa é criar procedimentos básicos, repetidos e compreendidos por todos da casa.

Um cenário comum ajuda a visualizar isso. Imagine uma noite de chuva, queda parcial de energia na rua, internet instável e iluminação externa falhando. Alguém toca o interfone dizendo ser de um serviço qualquer, a família está distraída, a casa está escura, ninguém sabe onde está a lanterna, o portão está com defeito e a comunicação entre os moradores é confusa. Não existe nada de extraordinário nessa cena, e justamente por ser comum ela merece preparo. Agora imagine a mesma situação com iluminação de emergência funcionando, portão em ordem, rotina de verificação, comunicação clara, vizinhos atentos e ninguém abrindo acesso sem confirmar nada. A diferença não está na paranoia, está no procedimento.

Segurança doméstica é uma camada de continuidade da vida. Ela protege pessoas, reduz riscos, evita exposição desnecessária e melhora a capacidade de resposta quando a coisa aperta. Não precisa de espetáculo, fantasia, postura agressiva ou discurso de quem parece torcer pelo problema só para provar que estava certo. Precisa de lucidez, organização e constância.

No fim das contas, uma casa segura não é aquela que parece pronta para uma guerra, mas aquela que foi pensada para não facilitar o problema. E isso começa antes da emergência, no dia comum, quando tudo parece tranquilo, a rotina está funcionando, a luz está acesa, o portão abre no controle, o celular tem sinal e quase ninguém presta atenção em nada, porque a normalidade, como sempre, faz um excelente trabalho em fingir que é garantia.



# causos do **MATO**

## **GUARDIÕES DAS MATAS**

Por Ney Fagundes



Ney Fagundes é ex-militar, praticante de atividades mateiras, presidente e um dos criadores do Grupo Guerreiros e luta pelo reconhecimento do Bushcraft em âmbito nacional.

**Causos do Mato** tem como intenção contar todo tipo de experiência e causos que aconteceram ou são contados nos acampamentos ou em atividades outdoor.

Fala, galera do Mato!

Em todo canto do mundo acontecem encontros com as forças da Natureza, e cada pessoa envolvida interpreta esses acontecimentos de uma maneira diferente. As experiências são sempre marcantes e, muitas vezes, simplesmente inexplicáveis.

A explicação para o ocorrido costuma vir do conhecimento local, das antigas tradições ou da religião. Talvez por isso pessoas que nunca se viram, vivendo em regiões completamente diferentes, relatem acontecimentos tão parecidos. Em muitos casos, as lendas se misturam, se fortalecem e tornam os mistérios da mata ainda maiores.

Os relatos mais assustadores quase sempre vêm de caçadores. Por passarem dias dentro da mata fechada, acabam vivenciando situações que desafiam qualquer lógica, principalmente aqueles que desrespeitam as antigas leis da floresta. Caçar sem necessidade, matar fêmeas com filhotes ou zombar das forças naturais são atitudes que, segundo os mais antigos, nunca ficam sem resposta. A punição quase nunca leva à morte, mas quem a sofre costuma dizer que preferia ter morrido.

### **O PRIMEIRO RELATO ME FOI CONTADO EM 1998**

Cristóvão, um caçador experiente, já beirando os 60 anos, saiu para uma nova área de caça. Preparou o farnel, pegou a espingarda e avisou à família que ficaria fora por quatro dias. Depois de algumas horas descendo o rio, parou na margem e se adentrou na mata.

Poucos metros à frente viu um tatu de quase dez quilos cruzar seu caminho assustado, mas decidiu não persegui-lo.

SIGA NEY FAGUNDES NAS REDES

@EUNEYFAGUNDES

@EUNEYFAGUNDES



Já no início da tarde, depois de comer um pouco de carne seca com farinha, avistou uma anta grande. Com um único disparo a derrubou. Ao se aproximar percebeu que era uma fêmea com filhotes, mas não deu importância.

Foi então que a mata silenciou.

Talvez pelo estampido do tiro ou talvez por ter chamado a atenção de algum protetor da floresta.

Os pássaros se calaram, as folhas pareciam ter parado de cair e uma ventania surgiu ao longe, aproximando-se rapidamente.

Cristóvão jurava ouvir uma melodia trazida pelo vento, um assobio suave, quase hipnotizante. Sentia ao mesmo tempo medo e uma estranha paz, até perceber uma sombra surgindo entre as árvores.

Parecia uma criança de cabelos compridos ou uma pequena mulher. Quando se aproximou, falou com uma voz que parecia vir de todas as direções:

— Você matou a anta com filhotes sem necessidade e ainda festejou. Vou lhe ensinar a respeitar minha moradia. Venha comigo.

Sem conseguir resistir, Cristóvão a seguiu.

Naquele momento ele não sabia, mas estava encantado pela Curupira, a antiga protetora das matas e de todos os seres que nela vivem. Dizem que ela pune aqueles que desprezam as leis da Natureza, fazendo-os se perder durante dias, enlouquecer e, em alguns casos, viver como animais, alimentando-se apenas de raízes e insetos.

A Curupira conduziu Cristóvão por vários dias, cada vez mais para o interior da floresta. Até que, diante de uma enorme sumaúma, parou e disse:

— Já chega. Você sofreu o suficiente. Nunca mais entre na mata sem respeitar quem aqui reside. Vou deixá-lo viver, mas, no dia da sua partida, estarei à sua espera.

Num piscar de olhos ela desapareceu.

Cristóvão, fraco, machucado e completamente desorientado, foi encontrado doze dias depois por outros caçadores. Levou anos para contar tudo o que viveu e nunca mais voltou a caçar.

Soube que ele faleceu em 2024 e durante o velório, várias pessoas disseram ter ouvido um assobio melódico enquanto uma ventania rondava a capela onde seu corpo era velado.

Será que a Curupira cumpriu sua promessa?

## **OUTRO CASO ACONTECEU DURANTE O AUGE DO CICLO DA BORRACHA, POR VOLTA DE 1900**

Dois amigos, Sebastião e Mauro, lideravam uma pequena equipe de seringueiros e decidiram explorar uma região além dos limites indicados pelos moradores locais. Mauro encontrou uma área com várias seringueiras ainda intocadas e, na manhã seguinte, os dois retornaram para iniciar o trabalho.

Separaram-se para sangrar as árvores. Minutos depois, Sebastião ouviu o grito desesperado do companheiro e correu em sua direção. Encontrou Mauro caído aos pés de uma enorme seringueira, completamente paralisado, olhando fixamente para um trecho escuro da mata.

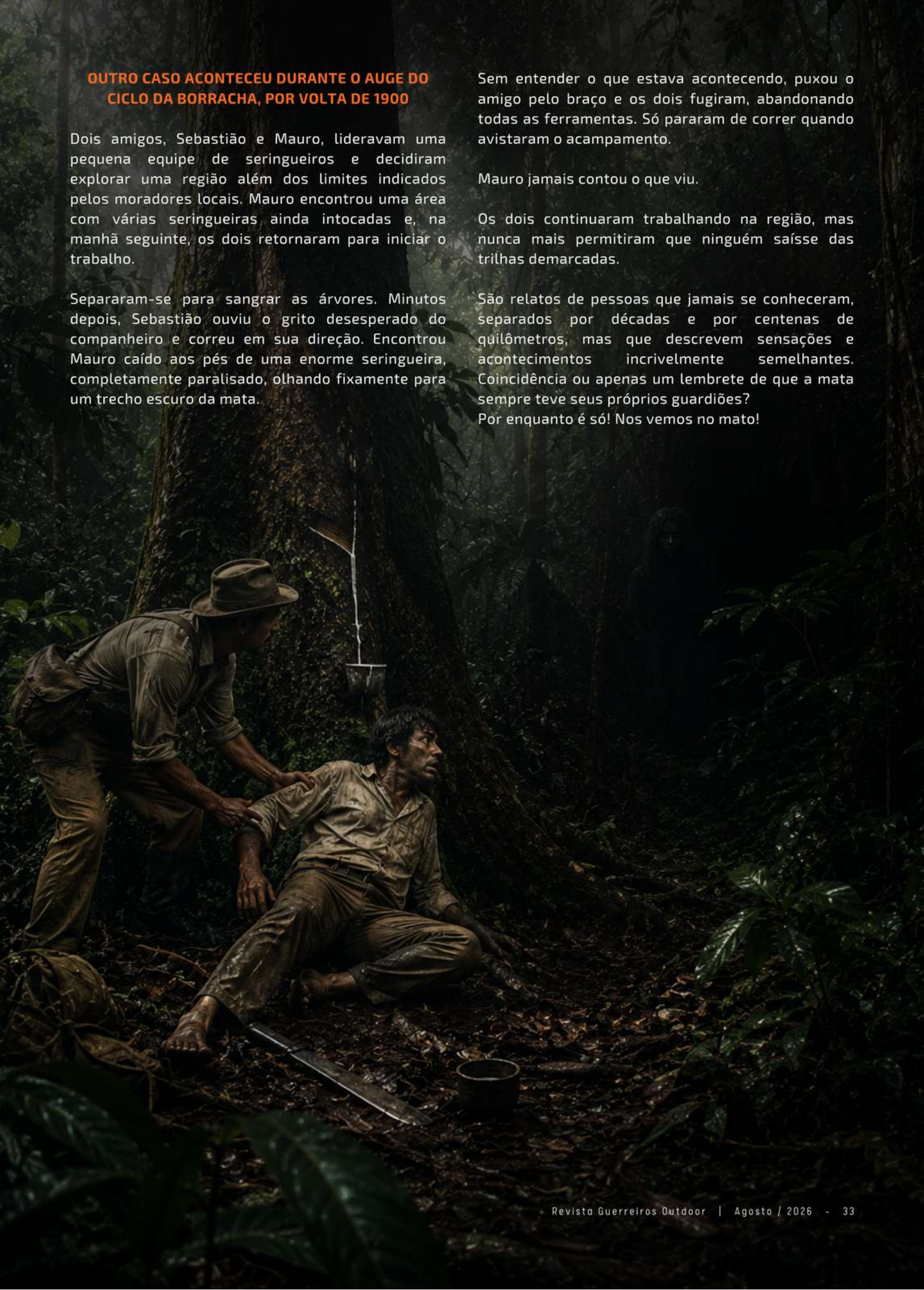
Sem entender o que estava acontecendo, puxou o amigo pelo braço e os dois fugiram, abandonando todas as ferramentas. Só pararam de correr quando avistaram o acampamento.

Mauro jamais contou o que viu.

Os dois continuaram trabalhando na região, mas nunca mais permitiram que ninguém saísse das trilhas demarcadas.

São relatos de pessoas que jamais se conheceram, separados por décadas e por centenas de quilômetros, mas que descrevem sensações e acontecimentos incrivelmente semelhantes. Coincidência ou apenas um lembrete de que a mata sempre teve seus próprios guardiões?

Por enquanto é só! Nos vemos no mato!



# POR DENTRO DO EDC

## A REVOLUÇÃO RETANGULAR: O IMPACTO DAS LANTERNAS TÁTICAS ACHATADAS NO USO CIVIL E MILITAR

Por Luiz Ericson



Amante da cutelaria desde a infância, entrou no mundo do EDC em 2010, quando atuava como topógrafo e precisava sempre de uma lâmina e uma lanterna. Com o tempo, conheceu as comunidades nas redes sociais e foi ajustando seu EDC ao contexto urbano em que vive.

Por Dentro do EDC contará com convidados amantes da filosofia EDC para estarem falando um pouco sobre suas principais configurações.

O mercado de iluminação tática e de equipamentos de transporte diário, conhecido como EDC (Everyday Carry), passa por uma mudança fundamental em seu design tradicional. As lanternas táticas achatadas, ou flat flashlights, deixaram para trás o clássico formato cilíndrico em favor de um perfil retangular e esguio.

Essa transição geométrica não é apenas estética; ela resolve um dos maiores problemas das lanternas de alta potência: o volume desconfortável nos bolsos e nos coletes táticos. Ao distribuir os componentes internos e as baterias em paralelo, os fabricantes conseguiram criar dispositivos extremamente finos sem sacrificar a potência ou a autonomia energética.

No ambiente militar e policial, a portabilidade e a ergonomia dessas ferramentas oferecem vantagens estratégicas claras. O formato achatado permite que a lanterna seja acoplada a coletes com sistema MOLLE ou guardada em bolsos utilitários de forma muito mais justa ao corpo, reduzindo o risco de enroscar em cabos, vegetação ou outros equipamentos durante operações dinâmicas. Além disso, o corpo retangular impede que a lanterna role no chão quando colocada sobre uma superfície irregular, um detalhe simples, mas crítico em cenários de manutenção de armas ou atendimento médico sob condições de baixa luminosidade. Sua pegada firme e instintiva facilita o uso simultâneo com armamentos, garantindo rapidez no acionamento dos modos estroboscópicos (strobe) voltados para a desorientação de ameaças.

Para o uso civil, os benefícios se traduzem em conforto absoluto no dia a dia. Carregar uma lanterna cilíndrica tradicional no bolso da calça jeans costuma ser incômodo e estufado, o que faz com que muitas pessoas deixem o equipamento em casa.

SIGA LUIZ ERICSON NAS REDES

@ERICSON\_EDC



Os modelos flat, por outro lado, desaparecem no bolso de forma semelhante a um canivete moderno ou um smartphone fino. Essa facilidade de transporte democratizou o acesso à iluminação de alto desempenho para cidadãos comuns, que agora contam com uma ferramenta robusta para emergências urbanas, panes veiculares ou situações de autodefesa, provando que o design inteligente pode unir máxima potência à discrição necessária para a rotina diária.

### ILUMINAÇÃO MULTICOLORIDA E EFICIÊNCIA PRÁTICA

Essa nova geração de lanternas achatadas vai além do emissor de luz branca convencional, integrando LEDs coloridos que ampliam drasticamente sua versatilidade em campo. A luz vermelha é fundamental para manter a adaptação da visão ao escuro e evitar o ofuscamento em leituras de mapas, além de ser invisível à maioria dos animais, facilitando o deslocamento discreto na mata. A luz verde destaca-se na sinalização e na leitura de topografia em ambientes com vegetação densa, oferecendo alto contraste visual sem alarmar a fauna. Já a luz azul é indispensável para rastreamento de fluidos corporais, rastreamento de sangue na caça ou inspeções técnicas, pois faz certos compostos fluorescerem com clareza sob baixa visibilidade.

### CLIPES DE RETENÇÃO E A VERSATILIDADE DO CARREGAMENTO USB

A experiência de uso é aprimorada pelos cliques de fixação integrados, projetados para tirar proveito direto do perfil plano. Diferente dos modelos redondos, o corpo retangular faz com que o clipe mantenha a lanterna perfeitamente alinhada e firme no bolso, na aba de um boné, transformando-a instantaneamente em um farol de cabeça (headlamp) de emergência ou fixada na alça de uma mochila. Essa retenção de baixo perfil impede balanços indesejados durante corridas ou manobras táticas.

Por fim, a adoção do carregamento USB (notadamente o padrão USB-C) consolidou a autonomia desses dispositivos modernos. A eliminação da dependência de baterias descartáveis reduz custos e permite recarregar a lanterna no carro, em powerbanks ou no computador. Aliado às baterias internas de alta densidade, o sistema USB garante rápida prontidão operacional, tornando a lanterna tática achatada o ápice da conveniência e da eficiência operacional para qualquer cenário.



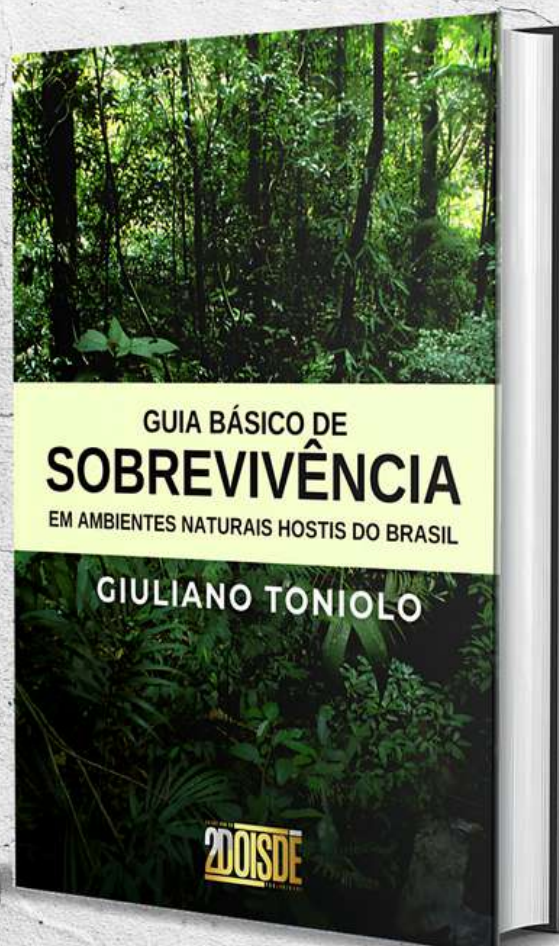
**JAVALIS**  
OUTDOOR

**PRIMEIRO GUIA  
BÁSICO DE  
SOBREVIVÊNCIA**

**100%  
Brasileiro**

Escrito por um  
dos ícones da  
sobrevivência e  
do bushcraft  
do Brasil

ADQUIRA  
JÁ O SEU





# JAVALIS

OUTDOOR

*O primeiro passo para uma boa aventura é permitir se aventurar! O segundo passo é a ação, que conecta a intenção à realização. Toda intenção sem um plano de ação não passa de um mero sonho, então pare de sonhar e vá viver!*

FOTOGRAFIA: FELIPE GOLTARA  
@FELIPEGOLTARAFOTOGRAFIA 

FOTO/MODELO: JOCIMAR BRUNO  
@JOCIMARBRUNO 

SIGA A LOJA JAVALIS OUTDOOR NAS REDES

JAVALIS OUTDOOR

@JAVALISOUTDOOR

@JAVALISOUTDOOR

